

PRÊMIOS DE WAGNER MOURA E "O AGENTE SECRETO" CRIAM CLIMA DE COPA NO PAÍS

ISTO É

Edição 19 - 16/1/26

*Imagem gerada por
IA sobre o quadro de
Leonardo da Vinci*

O FIM DA OBESIDADE?

Novas canetas de aplicação
injetável a preços mais
acessíveis e comprimidos
de última geração abrem
um novo horizonte para a
ciência do emagrecimento



Capa

Página
18



ROBERTO PHEIL/AP

Em março cai a patente do semaglutida, um dos fármacos da caneta emagrecedora

Índice

CAPA: IMAGEM GERADA POR IA SOBRE QUADRO DE LEONARDO DA VINCI

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

9 ECONOMIA

12 INTERNACIONAL

18 SAÚDE

24 GENTE

26 ESPORTE

28 ESTILO DE VIDA

32 ENTRETENIMENTO

38 MEMÓRIA

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



MATEUS BONOMI

Bolsonaro foi transferido para a Papudinha



REPRODUÇÃO DO YOUTUBE

O único bilionário da Venezuela investe no futebol



MARIO ANZUONI

Wagner Moura se destacou no Globo de Ouro

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

www.istoe.com.br

Instagram
@revistaistoe

YouTube
m.youtube.com/@revistaISTOE

X
@revistaISTOE

TikTok
@revistaistoe

LinkedIn
<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

*Soutello critica
concentração de
verba na Meta*



LEONARDO MONTEIRO

O Brasil está cansado da polarização

Felipe Soutello, especialista em marketing político que idealizou a chapa Lula-Alckmin, aponta que o brasileiro está esgotado da disputa polarizada “que não termina nunca”

Felipe Soutello, especialista em marketing político, se engajou no setor ainda na adolescência, colaborando com a campanha de José Serra (PSDB) para a Câmara dos Deputados em 1986. Entrou no partido e viveu o auge da legenda. Trabalhou com Geraldo Alckmin (hoje PSB) e foi o estrategista da campanha de Simone Tebet (MDB) ao Palácio do Planalto. No meio do caminho, idealizou

a união improvável entre dois adversários, Alckmin e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que formaram a chapa que venceu, em 2022, a corrida eleitoral presidencial com o resultado mais apertado da história do país. Ele diz que a disputa entre esquerda x direita deveria ser superada e que a democracia precisa de “um tempo de respiro” para ser processada.

Leonardo Rodrigues

Como exatamente é seu trabalho ao começar a trabalhar na campanha de um candidato?

Há certo mistério por trás do nosso trabalho. Vou falar um pouco da forma como trabalho. Porque os profissionais são muito diferentes. Alguns são jornalistas, outros, publicitários. Uma minoria vem da militância política, como é o meu caso. Eu fiz uma lógica de conversão de carreira. Trabalhei muitos anos em administração pública, na militância política e depois resolvi continuar na política, mas do outro lado do balcão. São duas tarefas básicas. A primeira é ajudar a candidatura a se construir para se fazer valer e ter eficiência no sentido de se colocar no cenário político. Às vezes, não basta a vontade de querer ser candidato. É preciso construir as condições para a candidatura acontecer. Coligações, forças internas no próprio partido, condições de suporte e apoio na sociedade civil, uma pauta, uma agenda de trabalho que consiga se organizar para que os veículos de opinião possam cobrir uma série de questões, uma consultoria mais estratégica de posicionamento da razão daquela candidatura. O outro pedaço é a comunicação: construção dos slogans, de músicas, estratégia de trabalho. São dois eixos bem conectados. De um lado, é uma lógica de estratégia política, de posicionamento da candidatura em razão do espaço que existe na sociedade para se ocupar. De outro, uma lógica de conversão de tudo isso em mensagens e em uma estrutura de comunicação, para que ela seja compreensível e consiga construir a adesão, ou seja, ajudar o eleitor na sua jornada em direção à urna.

Em 2022, o senhor viveu de perto a polarização Lula-Bolsonaro, que está colocada até hoje e atinge diferentes meios. Em 2026 ainda teremos uma eleição muito marcada pela polarização, mesmo com Bolsonaro inelegível e preso?

A gente percebe um cansaço. Há um enorme cansaço do povo brasileiro dessa disputa política que não termina nunca. Aí, é preciso fazer certa digestão. A polarização é algo meio natural no processo democrático, sobretudo em uma eleição de dois turnos, que são

construídos exatamente para estabelecer uma lógica de garantir que quem ganha a eleição tem a maioria do suporte na sociedade. Quando a gente tinha uma eleição num turno só, às vezes o candidato ganhava com 25%, 30% de apoio só. Os dois turnos polarizam duas visões, as majoritárias ou as mais votadas do primeiro turno. O problema é que a gente transpôs essa polarização nos últimos anos – de 2018 para cá, sobretudo, e com ápice em 2022 – numa lógica que transborda o ambiente da política. As famílias se dividiram por conta disso. A gente deixou de seguir pessoas por conta da posição política. Você brigou com um amigo de muito tempo porque ele é bolsonarista, o outro é lulista. Enfim, criou-se um ambiente de baixa racionalidade, de baixo espaço para conversa. Acho que nós estamos cansados desse processo. Tomara que a gente consiga vencer isso. A situação do ex-presidente [Jair] Bolsonaro vai levar a uma nova recomposição do campo da direita. Quem vai ocupar esse espaço? Tem muitos candidatos, sobretudo governadores. Eles estão se colocando como possíveis candidatos a presidente, buscando um pouco desse espólio. Espero que tragam para o ambiente da política um pouco mais de responsabilidade com o seu próprio discurso, com os eleitores e com a sociedade, para fazer com que essa guerra tenha um ponto final. Antigamente, você tinha uma eleição e no dia seguinte a sociedade respirava um pouco para processar o resultado. Os partidos de oposição se organizavam para começar a pensar como trabalhar na oposição. Havia uma espécie de trégua para que o governo se organizasse. Com o advento das redes sociais, somada a essa polarização que está pelo mundo inteiro, a gente não tem mais o efeito do “dia seguinte”: o pau está comendo na internet como se a eleição estivesse acontecendo. A democracia precisa de certo tempo de respiro para ser processada. Os líderes têm obrigação de respeitar o processo e dar a cadência que se exige dele. Por exemplo, não é admissível que um presidente da República ou um prefeito não esteja na posse do seu suces-

sor. Não importa quem seja, faz parte do serviço dele. Nós votamos nisso para ele fazer a transição de forma bastante democrática, para sinalizar às pessoas que a eleição vale e deve ser valorizada.

Você idealizou a chapa - absolutamente improvável anos atrás - do presidente Lula e do vice-presidente Geraldo Alckmin. Qual é o papel de um estrategista eleitoral para esse tipo de gesto político?

De maneira geral, as respostas para os problemas políticos, eleitorais e de comunicação de uma candidatura estão todas na cabeça do próprio político e da equipe que trabalha com ele. Às vezes, nosso papel é muito mais de ser

“Não é admissível que um presidente ou um prefeito não esteja na posse do seu sucessor. Não importa quem seja, faz parte do serviço dele. Nós votamos nisso para ele fazer a transição de forma bastante democrática”

facilitador, de ajudar o candidato a perceber suas potencialidades e organizar melhor a forma como as verbaliza. Não acredito muito nessa história de toque de Midas. Ou uma bala de prata em que o marqueteiro vai ter uma brilhante ideia e vai resolver tudo. Isso não é verdade. Eleição é time. É um processo coletivo que envolve uma decisão individual, o apoio de um conjunto de pessoas, a montagem de uma equipe grande e bastante diversa em termos de formação profissional. É adesão social àquela candidatura. É uma obra coletiva. Claro que você tem um papel de coordenação. Não estou minimizando a importância do nosso trabalho, mas atribuir a ele uma solução brilhante é certo exagero. O condão é mais de capacidade de organização. Agora, evidentemente, às vezes você tem uma sacada que se converte numa boa es-

tratégia. No caso do doutor Geraldo e da questão da vice-presidência da República, qual foi a percepção? Primeiro que, numa situação mais extrema e delicada, o risco democrático que o Brasil podia vir a atravessar exigia medidas um pouco mais drásticas. Era preciso buscar certo reencontro daquele grupo que defendeu a democracia em 1989. Era tentar reconstruir um pouco desse espírito. Era importante o presidente Lula buscar um nome de centro para sinalizar ao conjunto da sociedade que ele estava disposto a fazer um governo com uma visão mais de frente ampla. E, do lado do doutor Geraldo, que já tinha sido quatro vezes governador de São Paulo, ele não estava com a pegada para fazer um quinto mandato, embora tivesse todas as condições de construir isso. Mas ele estava muito voltado para as questões nacionais. Ele já vinha de uma campanha em 2006 em que foi ao segundo turno e fez um bom trabalho. Então, me pareceu que, apesar de soar estranho antigos adversários eleitorais se juntando, eles eram companheiros de certa visão de mundo, de uma defesa de valores.

O senhor estava na na campanha do Márcio França. O João Dória explorava uma pecha de esquerdismo. Ele chamava França de “Márcio Cuba”. E citava o tempo todo que o “S” do PSB era do socialista. Foi o auge dessa visão da esquerda como pecha na campanha. O senhor ainda acha que isso existe e que os candidatos precisam se afastar disso?

O PT sempre foi acusado e foi atacado, gerando certo medo do socialismo, medo da precificação do risco Brasil em razão da eleição do Lula. Enfim, há uma série de demonizações das quais o PT e a esquerda brasileira sempre foram vítimas. Nós chegamos a um nível de infantilização absurda da crítica. Mas os políticos são muito resultado da sociedade, e não o contrário. A gente tem de ter um pouco dessa consciência. Se as pessoas querem esse tipo de debate infantil, se acham que na arena política eu tenho de jogar na cara do outro e falar as verdades e gritarias

e xingamento, se essa é a dinâmica que se estabelece, os políticos acabam cumprindo um pouco isso. Se há uma categoria que se adapta com muita rapidez às demandas da sociedade são os políticos. Eles se recompõem nessa direção. Acho que o debate esquerda x direita é muito fora do lugar. A gente usa esses termos para interditar o debate ao outro. Se você é de esquerda, eu não discuto, porque sou de direita e vice-versa. Acho uma bobagem esse tipo de rotulação simplesmente para poder colocar no outro uma interdição para a conversa. Se as pessoas tivessem um pouco mais de abertura, perceberiam que há muito mais proximidade entre elas do que se imagina. Se a gente mudar o nosso critério de avaliação, os políticos se adaptam a ele muito rapidamente. A gente define o mundo a partir de um conceito de quem estava à esquerda do presidente da Assembleia Nacional Constituinte Francesa. Olha que coisa maluca. Nós continuamos fazendo um debate que está preso nos primórdios dos conceitos democráticos. Faz sentido isso? Eu acho que não.

A comunicação para redes sociais e a lógica dos algoritmos pioraram, no geral, o debate público e eleitoral?

Tem uma ambivalência. Tem um lado interessante, que é a ampliação da arena política em que mais gente pode participar da opinião. O eleitor hoje não quer ser convencido. Ele quer ser compreendido e participar do processo de alguma forma. Então, isso é interessante. Há uma inclusão de mais gente no debate político. O problema mais sério está na lógica dessas polarizações exageradas que o instrumento gera. A rede social traz alguns aspectos positivos, mas quero colocar um negativo. Aumentou muito a personificação no processo eleitoral, a lógica da construção de um personagem, um heroísmo exagerado. Como se as pessoas não tivessem virtudes e fraquezas. As redes potencializaram muito a agressividade. Você precisa ser agressivo para performar melhor. Potencializaram demais o indivíduo. Por outro lado, hoje temos, com o advento das emendas parlamentares impositivas – não é que a emenda é ruim, mas a forma como está colo-



LEONARDO MONTEIRO

cada me parece um pouco exagero –, somado à lógica das redes sociais, nós temos, na verdade, 15, 13 partidos políticos. Cada vez é mais difícil montar a maioria na lógica de compor com ministérios ou secretarias a partir de partidos políticos. São outras lógicas de interesse que estão colocadas. Só acho que não mudou muita coisa. Não vejo muita diferença da forma como sempre se construiu a campanha, que é montagem de redes, que é estruturação de relação com grupos sociais. Tem uma nova ferramenta. Agora, tem uma coisa que é importante colocar. Sou muito crítico do volume de recursos que o Brasil gasta com essa mídia. Na última eleição em que nós tivemos um monopólio, somente uma empresa recebeu recursos de impulsionamento, que foi a Meta. Ela chegou a pelo menos R\$ 400 milhões. Foi, de longe, a empresa que mais recebeu recursos do fundo eleitoral e partidário brasileiro. Aliás, é uma contradição interessante. Às vezes, os mais críticos ao aumento do Fundo são aqueles que mais usam recursos para impulsionar em rede social. Esses valores estão mais ou menos compatíveis com o conjunto da renúncia fiscal que emissoras de TV e rádio, todas elas juntas, recebem do governo brasileiro pelo horário eleitoral gratuito. Numa empresa só, descarregamos todo esse dinheiro do fundo partidário, que é igual ao total das televisões e rá-

dios do Brasil inteiro. É muito limitada a possibilidade de o sujeito fazer anúncios em jornais, por exemplo. Eu não posso usar mídia exterior para fazer o trabalho. Às vezes, o meu eleitor está mais localizado num bairro. Interessaria mais comprar outdoor de ponto de ônibus, uma propaganda dentro de shopping center. Mas nós estamos optando por entregar o dinheiro inteiro para uma multinacional, cujas regras do debate eleitoral que acontece dentro dela não são claras e transparentes. Não é simples a solução. Portugal optou por proibir o impulsionamento em redes. Eles estão arrependidos um pouco desse processo: contra os candidatos que já tinham uma performance muito alta agora você não consegue competir com impulsionamento. De alguma forma, o impulsionamento poderia corrigir distorções. Só que ele não funciona igual para todo mundo. Quem já tem um engajamento maior tem uma rentabilidade muito maior de presença de mídia por conta disso. Então, me parece uma questão a ser refletida. Como estamos trafegando o debate público dentro do ambiente privado, quais são as regras para garantir que ele seja tratado da mesma forma que jornais, revistas, TV e rádio e que tenha certa equivalência entre as candidaturas? Isso é uma coisa a se resolver no ambiente do Tribunal Superior Eleitoral e do Congresso Nacional. **E**



Wellington César Lima e Silva assumiu o ministério da Justiça no lugar de Lewandowski

GIL FERREIRA

As mudanças começaram na semana passada. A saída do ministro Ricardo Lewandowski, chefe da Justiça e Segurança Pública, já era esperada nos bastidores, embora Lula quisesse prorrogar a despedida do aliado. Para seu lugar, o petista escolheu o advogado Wellington César Lima e Silva, que hoje atua na defesa da Petrobras. Lima e Silva já ocupou a pasta da Justiça por 11 dias, durante o governo de Dilma Rousseff, em 2016.

Outro que já prepara suas malas para desembarcar do Planalto é Fernando Haddad, ministro da Fazenda. No fim do ano, ele deu o prazo até o começo de fevereiro para deixar a pasta. Embora negue sua candidatura e diga que se empenhará na campanha à reeleição de Lula, Haddad está amplamente cotado para a disputa do governo do Estado de São Paulo ou a uma vaga ao Senado. Tudo dependerá do cenário posto pela oposição, de acordo com interlocutores petistas.

Para seu lugar, o ministro está preparando seu número dois, o secretário-executivo da pasta, Dario Durigan. Ele foi, junto com Bernard Appy, um dos responsáveis pelas negociações que avançaram a reforma tributária no Congresso Nacional. Durigan ainda representou a Fazenda nos debates para o destrave da reforma do Imposto de

A reforma de Lula

Com chegada das eleições, presidente se vê obrigado a mexer peças ministeriais e deve usar trocas para barganhar apoio do Centrão à sua candidatura à reeleição

João Vitor Revedilho

Há mais de um ano reformas ministeriais estão sendo discutidas no Palácio do Planalto com o fim de dar mais espaço ao Centrão e uma vida mais tranquila ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no Congresso Nacional. Apesar disso, o petista não tinha fechado questão, evitando nomear indicados. Fez apenas trocas pontuais nas pastas. Mas agora, apesar da demora, a reforma mais robusta vai sair. O mandatário será obrigado a mexer suas peças e deve manter seu estilo centralizado.

Lula já está pensando nas eleições de outubro, indo ao encontro da necessidade de fazer trocas nos ministérios. Pelo menos 20 de seus aliados devem se candidatar a cargos públicos neste ano para buscarem as cadeiras de deputado, senador e governador. Eles têm até o dia 6 de abril para decidirem seu futuro.

FABIO RODRIGUES/POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

De olho na Câmara, Gleisi Hoffmann, da Articulação Política, deverá deixar seu posto até abril





Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva está cotada para disputar o Senado por São Paulo

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Renda, a maior vitória do terceiro mandato do governo Lula até aqui.

A tropa de choque de Lula também será desfeita nos próximos meses. Além de Haddad, Gleisi Hoffmann, da Articulação Política, Rui Costa, da Casa Civil, e Sidônio Palmeira, da Secretaria de Comunicação, deixarão seus postos até abril. A primeira e o segundo se preparam para ser candidatos à Câmara dos Deputados e ao Senado pelo Paraná e Bahia, respectivamente. Já Sidônio retomará a parceria vitoriosa de 2022 e comandará a publicidade da campanha do petista em 2026. O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin (PSB), sairá da pasta de Indústria e Comércio para tentar retomar a chapa com Lula no próximo ano, mas não está descartada a possibilidade de liderar uma campanha ao Senado ou até mesmo tentar um quinto mandato à frente do Palácio do Bandeirantes, sede do governo de São Paulo.

O Senado, por sinal, é visto como prioridade para a cúpula aliada a Lula. Com a direita focada no cargo, petistas querem chapas fortes para concorrer com a oposição e conseguir segurar a ampla maioria das cadeiras no Salão Azul. É na casa que o mandatário tem maioria e onde se definem os cargos para autarquias, agências reguladoras e para o Supremo Tribunal Federal (STF), que terá ao menos mais duas indicações a serem feitas no próximo mandato presidencial. Para isso, o governo quer contar com o apoio de pa-

res do Centrão para emplacar a maioria. Aliados da cúpula já começaram a preparar o terreno para as suas saídas e garantiram o drible às resistências dos próprios partidos para apoiar Lula na reeleição. Silvio Costa Filho (Republicanos), de Portos e Aeroportos, quer o apoio do petista para emplacar sua candidatura ao Senado por Pernambuco, enquanto André Fufuca (Progressistas), da pasta de Esportes, e Simone Tebet (MDB), do Planejamento, querem o mesmo cargo pelo Maranhão e Mato Grosso do Sul (ou São Paulo), respectivamente. O mesmo cenário vive Marina Silva (Rede), do Meio Ambiente, e Alexandre Silveira (PSD), de Minas e Energia, que buscarão o Salão Azul por São Paulo e Minas Gerais.

Já Renan Filho (MDB), dos Transportes, e Camilo Santana (PT), da Edu-

cação, devem buscar os governos dos estados de Alagoas e Ceará, respectivamente. Outro que quer uma vaga em executivo estadual é Márcio França (PSB), atualmente chefe da pasta do Empreendedorismo. Ele disputa a preferência com Haddad e Alckmin pela vaga no Bandeirantes, mas não descarta a chance de se candidatar a outro cargo, se necessário.

Dos potenciais candidatos em 2026, dois são certeza que ficarão no Palácio do Planalto até o final do ano. Alexandre Padilha, da Saúde, e Guilherme Boulos, da Secretaria-Geral da Presidência da República, já anunciaram que não vão disputar o pleito. Eles entraram em acordo com Lula para ficarem até o final do mandato, dando suporte ao governo durante a campanha eleitoral. De quebra, a dupla deverá colaborar com as agendas de Lula em São Paulo. Boulos, inclusive, deve ter posição de protagonismo na campanha petista em 2026, organizando caravanas e tomando a frente das articulações entre o petista e movimentos sociais.

Desde 2023, Lula já fez 15 trocas ministeriais. A primeira aconteceu logo nos primeiros dias de governo, quando o petista demitiu Gonçalves Dias do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) após os ataques de 8 de janeiro. A última troca antes da saída de Lewandowski aconteceu em dezembro do ano passado. Pressionado pelo União Brasil, Lula demitiu Celso Sabino do Ministério do Turismo. Para seu lugar, o petista nomeou Gustavo Feliciano, filho do deputado federal Damião Feliciano (União Brasil-PB). **E**

DIOGO ZACARIAS

Dario Durigan, secretário-executivo da Fazenda, deverá comandar a pasta





Bolsonaro poderá realizar sessões de fisioterapia em sua cela



A unidade da Papudinha onde o ex-presidente passa a cumprir sua pena tem área externa

REPRODUÇÃO

Mudança em Brasília

Alexandre Moraes determina transferência de Jair Bolsonaro para a Papudinha, em sala onde terá direito a assistência médica 24h

Condenado a 27 anos e três meses de reclusão por tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) foi transferido na quinta-feira, 15, da Superintendência da Polícia Federal em Brasília para o 19º Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal, conhecido como “Papudinha”, após determinação do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes. Ele passou a ocupar a mesma unidade onde já estão detidos o ex-ministro da Justiça Anderson Torres e o ex-diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal (PRF), Silvinei Vasques.

O batalhão fica localizado no Complexo Penitenciário da Papuda, que reúne várias prisões — entre as quais a Penitenciária Federal de Brasília, uma das cinco federais que foram construídas com o objetivo de encarceramento dos criminosos considerados mais perigosos do país. Bolsonaro foi alocado em uma sala de Estado: um compartimento especial em instalações militares.

O ministro também determinou que o ex-presidente tenha assistência médica integral, 24 horas por dia, com profissionais cadastrados anteriormente, sem necessidade de comunicação prévia. Moraes autorizou ainda o deslocamento imediato de Bolsonaro para hospitais em caso de urgência, com obrigação de comunicação ao STF no prazo máximo de 24 horas da ocorrência.

O ex-chefe do Executivo poderá realizar sessões de fisioterapia nos horários e dias da semana indicados pelos médicos, com prévio cadastro do profissional e comunicação à Suprema Corte. Além disso, Bolsonaro receberá diariamente alimentação especial, devendo à defesa do ex-presidente indicar o nome da pessoa responsável pela entrega das refeições.

Moraes também autorizou visitas semanais da esposa, Michelle, e filhos; assistência religiosa de bispo Rodolfo e pastor Thiago Manzoni; autorização para leitura; grades de proteção e

barras de apoio na cama; e instalação de aparelhos de fisioterapia, como esteira. Por outro lado, o ministro negou o pedido da defesa para que o ex-presidente tenha acesso a smarttv, aparelho que pode ser conectado à internet.

A unidade onde Bolsonaro está instalado tem uma área total de 64,83 metros quadrados. De acordo com o documento que determina a transferência, a infraestrutura inclui ambientes como banheiro, cozinha, lavanderia, quarto, sala e área externa. Há ainda geladeira, armários, cama de casal e TV.

No documento, Moraes aponta que vem ocorrendo “uma sistemática tentativa de deslegitimar o regular e legal cumprimento da pena privativa de liberdade” do ex-presidente. Ele mencionou entrevistas do senador Flávio Bolsonaro e do ex-vereador Carlos Bolsonaro que criticaram as condições da carceragem da PF.

O ministro do STF afirma: “não há dúvidas da existência de uma campanha de notícias fraudulentas com o intuito de tentar desqualificar e deslegitimar o Poder Judiciário”. Ele acrescenta no documento que são ignoradas “as condições absolutamente excepcionais e privilegiadas do cumprimento de pena privativa de liberdade em regime fechado de Jair Messias Bolsonaro”, observando que a sala especial do ex-presidente tem frigobar, televisão, ar-condicionado e “entrega de comida caseira todos os dias”. **E**



Os ministros das Relações Exteriores do Brasil, Mauro Vieira, e da Argentina, Gerardo Werthein, assinam o acordo

JÚLIO CÉSAR SILVA/MDIC

Enfim, o entendimento

União Europeia e Mercosul assinam acordo de livre comércio cerca de três décadas depois do começo das negociações, marcadas por incógnitas, impasses e protestos

João Vitor Revedilho

Cerca de 25 anos separam o começo das tratativas para a assinatura do acordo mais esperado na política externa mundial. Apesar das resistências, Mercosul e União Europeia (UE) viraram a página de conflitos internos e fecharam o maior acordo comercial já negociado pelos dois blocos. Serão US\$ 4,7 bilhões em impostos reduzidos anualmente, um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 22 trilhões e mais de 712 milhões de pessoas atingidas. Falta apenas a formalidade da assinatura oficial, marcada para sábado, 17, em Assunção, no Paraguai.

Travado há alguns anos, o acordo voltou à pauta dos governos europeus e sul-americanos em 2023, mas ganhou status de prioridade apenas em 2024, sendo o Brasil fundamental para que o acordo, enfim, saísse. Desde que assu-

miu seu terceiro mandato, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tomou a dianteira das negociações e pressionou o parlamento europeu a tomar uma ação para efetivar o acordo. De forma precipitada, o Planalto chegou a criar expectativas para assinar o tratado no fim de 2025, o que não se concretizou devido às pressões feitas por França, Áustria e Irlanda, adiando os sonhos do bloco americano. A Comissão Europeia só aprovou a medida na sexta-feira, 9, com o aval da presidente do colegiado, a alemã Ursula Von der Leyen, com quem Lula se reunirá no fim de semana antes da assinatura da proposta.

A aproximação comercial dos dois blocos nunca deixou de ser prioridade para o Mercosul. Na União Europeia, por sua vez, a ideia nem sempre foi bem vista. Nas primeiras conversas, em ju-

nho de 1999, os europeus buscavam reduzir a influência dos Estados Unidos sobre a América Latina com a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), um bloco econômico entre todas as nações americanas, exceto Cuba. A possibilidade preocupou o velho continente, que via uma tentativa da Casa Branca de reduzir o protagonismo do comércio europeu. Com a Alca não saindo do papel, a UE passou a esfriar as negociações, deixando o Mercosul em banho-maria por alguns anos. Além disso, havia impasses sobre o agronegócio e a indústria, que se dividiam entre o apoio e a resistência à quebra das barreiras comerciais entre os blocos.

“Nos 25 anos de negociação entre Mercosul e União Europeia, houve avanços e paralisações. O Brasil inicialmente tinha interesses divergentes: o agronegó-

Lula e Ursula Von der Leyen, da UE: negociações levaram mais de 25 anos



RICARDO STUCKERT/TPR

cio queria acesso ao mercado europeu, enquanto a indústria temia a concorrência. Com o tempo, a indústria percebeu que a abertura poderia trazer insumos de qualidade e ganhos de produtividade, alterando sua posição”, aponta Aloysio Nunes Ferreira, ex-chanceler brasileiro e hoje diretor de assuntos estratégicos da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), em Bruxelas, na Bélgica.

Lula tentou retomar as negociações no fim de seu segundo mandato, em 2010, mas o Mercosul ainda estava longe do protagonismo para os europeus nos debates. A tese passou a esquentar anos mais tarde, em 2016, com a volta das conversas para um acordo técnico, encerrado três anos depois, já sob a gestão de Jair Bolsonaro (PL).

Foi nessa época, porém, que o processo voltou a arrefecer. O Brasil explodia em número de casos de queimadas ilegais na Amazônia, gerando cobranças dos governos europeus, que logo condicionaram o fechamento do trato mediante o cumprimento das metas estabelecidas pelo Acordo de Paris. A condição foi acatada apenas em 2024, já no governo Lula.

“As negociações levaram 26 anos não por incompetência ou burocracia excessiva, mas por refletirem os altos e baixos da política e das relações entre os blocos. A parte comercial foi concluída em junho de 2019, no início do governo Bolsonaro, que aproveitou o momento. No entanto, as relações entre Brasil e União Europeia se deterioraram rapidamente devido às políticas externa e ambiental de Bolsonaro, gerando fortes críticas ao acordo e paralisando sua ratificação”, analisa

Carolina Pavese, doutora em Relações Internacionais pela London School of Economics, e professora da FIA Business School e IMT (Instituto Mauá de Tecnologia). Além disso, o processo sofreu um déficit democrático grave: o texto ficou quase 20 anos sendo negociado em sigilo, sem escrutínio público. Segundo Carolina, isso foi particularmente problemático para a UE, onde tratados são amplamente debatidos.

A demora no acordo também tem pitadas de resistência do agronegócio europeu. Protecionista, a França liderou a oposição ao acordo entre os blocos – e o país ainda é pressionado pelo setor para defender mudanças severas no tratado. Outras nações, como Hungria e Polônia fazem coro ao governo francês. Nesta semana, cenas de protestos se espalharam por algumas re-

giões, como os agricultores franceses que levaram tratores no entorno da Assembleia Nacional, em Paris.

Mesmo assim, o acordo era questão de tempo. A pressão de Lula e o empurrão do cenário geopolítico internacional ajudaram a acelerar a assinatura do trato. O presidente brasileiro quer “emplacar um gol” para robustecer sua campanha eleitoral em 2026, apostando, em uma das frentes, na recuperação da imagem do país no cenário internacional. Para isso, chegou a dar um ultimato aos líderes europeus para o avanço do texto.

“O presidente Lula teve um papel decisivo na conclusão do acordo, exercendo sua liderança internacional e agindo de forma pragmática. Quando a Itália ameaçou inviabilizar a ratificação, ele negociou diretamente com a primeira-ministra Giorgia Meloni, concedendo o tempo necessário para ajustes internos, mas deixando claro que o Brasil não esperaria indefinidamente”, observa Nunes, que chegou a intermediar algumas conversas sobre o tema com representantes do parlamento europeu.

O enfraquecimento da União Europeia frente a outras potências, como Estados Unidos, China e Rússia, foi outro fator que impulsionou a quebra das barreiras comerciais. Líderes europeus não escondem o incômodo com o avanço de Donald Trump sobre países



CHRISTOPHE ENA/AP



A primeira-ministra Giorgia Meloni mudou de posição após conversas com Lula

VINCENZO LIVIERI/REUTERS

parceiros, com sanções e tarifas aplicadas sob o argumento de “protecționismo americano”, o que não convence o bloco. Como pano de fundo, Trump quer usar as tarifas para ganhar terreno na disputa de poder com chineses e russos, reorganizando o mapa da ordem mundial. Em meio a essa divisão, a cúpula europeia se viu obrigada a ter parceiros comerciais mais confiáveis e que deem a retomada de protagonismo ao bloco europeu.

“O fator Trump acelerou o processo. A política comercial imprevisível e protecionista dos EUA fez a União Europeia buscar parceiros mais confiáveis e estáveis. O Mercosul, como bloco populoso com laços históricos e econômicos profundos com a Europa, tornou-se uma opção estratégica natural. Assim, a combinação da atuação de Lula e a necessidade europeia de segurança comercial, diante da incerteza americana, foi fundamental para concretizar o acordo”, avalia Aloysio Nunes.

Apesar do acordo fechado, ainda há processos longos para serem concretizados. O Mercosul precisa contornar a resistência de parte do bloco, com foco maior da França para concretizar a parceria. O texto também deverá passar pelo parlamento europeu e pelo Congresso Nacional de todos os países do Mercosul. Caso haja questões jurídicas individuais, o parlamento dos países europeus também poderá aprovar, ou não, a proposta separadamente. Esse processo não deve ser breve, podendo durar até dez anos para ser oficializado.

“O acordo ainda enfrenta obstáculos e pode não entrar em vigor a curto ou médio prazo. Sua ratificação é

complexa por contar com três pilares (comercial, político e de cooperação). Apenas o pilar comercial é de competência exclusiva da União Europeia; os outros envolvem áreas compartilhadas com os Estados-membros, exigindo aprovação individual nos 27 parlamentos nacionais”, diz Carolina. Há outro ponto importante: parlamentares contrários podem questionar judicialmente esse “atalho” na Corte Europeia, cujo julgamento pode levar até dois anos. “Portanto, há vários riscos e estratégias que ainda podem frear ou adiar a implementação definitiva”, reforça. **E**

Foram reconhecidas indicações geográficas de 350 itens, protegendo produtos do velho continente

IMAGEM GERADA POR IA



Por dentro do acordo

Os termos negociados entre União Europeia (constituída por 27 nações) e Mercosul, bloco formado por quatro países-membros (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), encontraram resistência de cinco mercados europeus: França, Polônia, Áustria, Hungria e Irlanda. A Bélgica se absteve.

Segundo o acordo comercial – que ainda será assinado no sábado, 17, no Paraguai, o Mercosul eliminará tarifas sobre 91% das exportações do bloco europeu, incluindo automóveis. A União Europeia (EU) cortará progressivamente tarifas sobre 92% das exportações do bloco sul-americano. Essas medidas seguirão um cronograma que, em alguns casos, chegam a dez anos.

O Mercosul também eliminará tarifas sobre produtos agrícolas da UE, como o índice de 27% sobre vinhos. Existem cotas para

produtos agrícolas mais sensíveis, para aves, carne de porco, açúcar, etanol, arroz, mel, milho e milho doce. Para os sul-americanos, entram na lista leite em pó e fórmulas infantis.

O acordo reconhece cerca de 350 indicações geográficas para impedir a imitação de certos itens alimentares tradicionais do velho continente. Entram nessa conta Denominações de Origem Protegida (DOP) de certos tipos de queijos, como o do Parmigiano Reggiano, restrita a uma parte da Itália, ou o Jamón Ibérico de Bellota, da Espanha ou o vinho do Porto. Existe ainda a possibilidade de medidas de salvaguarda para lidar com eventuais perturbações de setores.

Compromissos ambientais fazem parte das tratativas. Um deles é a prevenção de novos desmatamentos, seguindo diretrizes do Regulamento Europeu Antidesmatamento,

que exige que produtos exportados para a UE não estejam ligados a desmatamento após dezembro de 2020. Ativistas criticam as formas como esses termos foram negociados e há quem diga que o discurso ambientalista tem servido a uma agenda protecionista.

A presidente da UE, Ursula Von der Leyen, destacou, em comunicado que hoje 60 mil empresas europeias exportam para o Mercosul, metade das quais são pequenas e médias, que irão se beneficiar de direitos aduaneiros mais baixos e “pouparão cerca de 4 bilhões de euros por ano em direitos de exportação”. Ela apontou ainda que, mediante o acordo, há uma previsão de aumento de exportações da UE para o Mercosul na base de quase 50 bilhões de euros até 2040. E, segundo Ursula, estima-se que as exportações do Mercosul aumentem até 9 bilhões de euros.

Irã em ebulição

Repressão, mortes e risco de intervenção externa elevam tensão no país e expõem rachaduras internas agravadas por crise econômica

Luma Venâncio

A escalada dos protestos no Irã, iniciados no final de 2022, tornam o futuro do país uma incógnita. Originadas em queixas econômicas, as manifestações foram respondidas com repressão, mortes e bloqueio de internet, o que revelou rachaduras mais profundas no regime dos aiatolás e aumentou a ameaça de intervenção externa.

Ainda que conflitos internos ocorram com frequência na região, a atual inquietação acontece em um contexto global frágil, com a declaração de uma política expansionista por parte do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O líder norte-americano impôs

tarifas comerciais de 25% ao Irã e já flertou com a ideia de invadir o país.

Estabelecido em 1989, o governo do aiatolá Ali Khamenei, por outro lado, acusa potências rivais de organizarem grupos de inteligência infiltrados entre os manifestantes e divulgarem informações tendenciosas sobre a conjuntura interna. De todo modo, o número de cidadãos iranianos mortos em meio aos conflitos está escalando. Segundo a agência HRANA (Human Rights Activists News Agency), pelo menos 2 mil pessoas foram assassinadas e outras 10 mil foram presas. Os números podem ser ainda maiores.

Os protestos foram desencadeados, no começo, como reação à inflação desenfreada que assola o Irã. Estabelecidas primeiro entre bazares da capital Teerã, as manifestações logo se espalharam pelo resto do território. De acordo com analistas, é recorrente que um acontecimento ou insatisfação seja estopim para reivindicações maiores e gerais contra o regime dos aiatolás, como ocorreu em 2022, com a morte da jovem curda-iraniana Mahsa Amini por uso incorreto do hijab (que as mulheres usam para cobrir os cabelos) – o fato provocou uma onda de protestos em cerca de 100 cidades com mulheres queimando seus lenços em praça pública.

A situação econômica no país islâmico é drástica: a moeda local (rial) sofreu forte desvalorização, os preços de alimentos dispararam e importadores foram proibidos de acessar dólares americanos. O governo divulgou medidas para amenizar a situação, mas os conflitos já haviam tomado proporção nacional. Com isso, as mobilizações se espalharam, reunindo diferentes perfis de pessoas, entre elas, novamente mulheres. Essa diversidade nas manifestações, segundo Gunther Rudzit,

Diante da disparada da inflação e da fragilidade da economia, protestos se espalharam pelo país



Erfan Soltani foi preso em uma manifestação. ONGs alertaram que ele seria executado; ameaçado por Trump, governo declarou que não seria aplicada a pena capital



REPRODUÇÃO X

professor de relações internacionais da ESPM, é a grande pedra no sapato do governo, uma vez que as frentes são múltiplas e difundidas.

“Diferentemente dos outros protestos, esse se deu em cidades pequenas, médias e grandes, se deu entre jovens e idosos; entre estudantes e comerciantes; homens e mulheres. É efetivamente uma revolta ampla, geral mesmo”, analisa.

Um caso que chamou atenção internacional foi o do jovem Erfan Soltani, detido durante um protesto. Várias ONGs alertaram que ele enfrentava uma execução iminente. Trump reagiu, dizendo que Washington iria adotar uma resposta “muito forte” se as autoridades do regime do Irã iniciassem a execução de manifestantes. Na quinta-feira, 15, o Poder Judiciário local informou que Soltani não seria condenado à pena capital.

O governo pode cair?

A fim de entender as disputas por poder no Irã, é preciso voltar para 1979, quando a Revolução Islâmica derrubou a monarquia dos xás e instaurou um regime teocrático regido pelo Alcorão. Uma divisão enfática ocorreu após esse acontecimento: o rompimento com as influências ocidentais e sobretudo com os Estados Unidos, que eram aliados da linhagem dos xás.

Desde então, a relação entre Irã e Estados Unidos é marcada por estra-

nhamentos. Um dos maiores pontos de tensão se dá por meio de Israel, principal aliado dos norte-americanos no Oriente Médio e adversário ideológico dos iranianos. É importante lembrar que tanto Israel quanto Irã são potências nucleares e já trocaram ofensivas bélicas em 2025.

O tamanho das tensões internas atuais voltou a levantar dúvidas sobre a possibilidade da queda do regime dos aiatolás, quadro que se soma à intenção de Trump ampliar o império norte-americano e intervir em países de acordo com seus próprios interesses. Na esteira da invasão da Venezuela e deposição do presidente Nicolás Maduro – deflagrada nos primeiros dias do ano –, o republicano não descarta a possibilidade de intervenção em outros territórios, caso do Irã.

A figura de Reza Pahlavi, filho do xá deposto em 1979, também ajuda a personificar a insatisfação no país. Ele se declara herdeiro oficial da linhagem dos xás, embora tenha passado a vida inteira exilado nos EUA. Agora, Pahlavi tenta capitalizar os aborrecimentos dos iranianos e reivindica a volta da monarquia que existia antes da Revolução Islâmica. Segundo agências de notícias internacionais, o nome de Pahlavi tem sido largamente citado durante as manifestações, o que poderia dar mais força aos movimentos de derrubada do governo teocrático

Mesmo com a imprevisibilidade de Trump e o descontentamento com o aiatolá, Rudzit afirma que “não vê chance de queda do regime”. Ele explica que boa parte da população ainda apoia o governo atual, sem a mesma unanimidade nacional que depôs o regime em 1979.

“O filho do último xá [Reza Pahlavi] tenta se pôr como uma liderança, mas ele morou praticamente a vida toda fora do Irã. Ele não é unanimidade e, por isso, existe essa dificuldade de queda do regime de forma iminente”, explica. “A real questão é por quanto tempo a população vai aguentar continuar a ser massacrada, e por quanto tempo o regime também suporta essa situação. Quem disser que sabe o que vai acontecer, está mentindo.”

Guerra informacional

Um grande potencializador das tensões se dá por meio da guerra informacional dentro e fora do Irã. O rompimento com o ocidente em 1979 também significou um desligamento total com a mídia hegemônica, a qual os iranianos acusam de ser parcial e reducionista.

Nos momentos em que as tensões aumentam, é costume do governo dos aiatolás bloquear a internet e proibir a entrada e saída de informações. Enquanto o regime procura criar sua própria rede de controle de informações, algumas agências de notícias divulgam atualizações terceirizadas.

O Sheik Hossein, que reside no Irã, disse a IstoÉ que as tensões internas do país são largamente influenciadas e orquestradas por potências estrangeiras, com destaque para EUA e Israel. Na opinião dele, o Irã resiste para não despenhar em guerra civil, algo que satisfaria os adversários norte-americanos e israelenses.

A visão do Sheik se alinha com a narrativa do governo: ambos apontam a presença de grupos de inteligência dos dois países infiltrados entre os manifestantes, o que estaria incitando o teor de violência dos conflitos.

“Sabemos que Estados Unidos e Israel não param. Eles estão atrás de financiamento e armamento de grupos e de ataques. É, infelizmente, o que os americanos estão fazendo em outros lugares do mundo”, declarou o Sheik Hossein. **E**



Delcy Rodríguez informou que foram libertados 406 presos políticos desde dezembro

LEONARDO FERNANDEZ VILORIA

O novo momento da Venezuela

Presidente interina, Delcy Rodríguez liberta presos políticos; EUA apreende mais um petroleiro, o sexto

Empossada no dia 5 como presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez declarou a jornalistas na quarta-feira, 14, que o país se abre para “um novo momento político, que permita o entendimento a partir da divergência e da diversidade político-ideológica”. Ela era vice-presidente de Nicolás Maduro, capturado no dia 3 por forças militares dos Estados Unidos e levado para Nova York, onde aguarda julgamento. Para surpresa de muitos, o presidente Donald Trump não fez menção de tirá-la do comando do país. Pelo contrário, fez elogios a Delcy, evidenciando seu apoio à nova líder.

Esse “novo momento” foi apoiado pela informação dada pelo governo de Delcy de que foram libertados 406 presos políticos desde dezembro, em um processo que, segundo ela, foi iniciado por Maduro. No mesmo dia, ela também relatou como foi um telefonema trocado com Trump. Segundo a presidente interina da Venezuela, a conversa foi “produtiva e cordial”, em uma longa ligação que teria servido para estabelecer uma “agenda de trabalho bilateral em benefício de nossos povos”.

Delcy definiu a troca de “marco de respeito mútuo”. E disse ainda que a ligação tratou de assuntos penden-

tes na relação entre os dois governos. Ao comentar a ligação, Trump voltou a demonstrar simpatia pela ex-vice-presidente de Maduro, a quem se referiu como “uma pessoa formidável”. Embora tenha mantido a conexão com a líder provisória do regime venezuelano, o presidente dos Estados Unidos também abriu espaço para Maria Corina Machado, opositora do chavismo. Inicialmente, Trump tinha descartado a detentora do Nobel da Paz como condutora do processo de reconstrução do país depois que as forças americanas invadiram Caracas para capturar Maduro. Na quinta-feira, 11, ela foi recebida na Casa Branca.

Essa aproximação de Trump com Delcy não trouxe mais apoio à presidente interina, como indica uma pesquisa encomendada pela Bloomberg para o instituto Atlas Intel, que consultou os venezuelanos para saber quem deveria liderar o país. Divulgados na quarta-feira, 14, os resultados indicam que a população prefere amplamente Maria Corina. O estudo revela que 51,6% prefere a oponente de Maduro nesse papel. Delcy conta com 14% das respostas. Além disso, 18% dos entrevistados disseram não querer nenhuma das duas na presidência. E 17% afirmaram não saber quem preferem ter no comando do país.

A pesquisa revelou também que 47% dos venezuelanos apoiam a operação militar norte-americana. Por outro lado, mais de 25% se opõem à ação e aproximadamente 28% não têm opinião a respeito.

As conversas da semana podem ter soado cordiais, no entanto, as forças militares dos Estados Unidos fizeram mais uma apreensão de petroleiro nas águas do Caribe. É o sexto. Na madrugada da quinta-feira, 15, o Comando Sul determinou a abordagem de um petroleiro chamado Veronica. A ação foi executada a partir do porta-aviões USS Gerald R. Ford. Vídeos divulgados pelos militares mostram soldados descendo de rapel no convés da embarcação em plena escuridão.

Um comunicado oficial diz que o petroleiro operava em “desafio à quarentena estabelecida”. E ressaltou que “o único petróleo que sairá da Venezuela será aquele coordenado de forma adequada e legal”. **E**

A herdeira

Filha de Kim Jong Un acompanha o líder norte-coreano em visita a mausoléu da família e aparição volta a alimentar especulações sobre sucessão



KOREA NEWS SERVICE VIA AP

A adolescente Kim Ju Ae esteve com o pai, Kim Jong Un, no mausoléu onde estão seu avô e bisavô; ela também integrou uma comitiva norte-coreana em evento em Pequim

Ela talvez esteja prestes a fazer 13 anos. Não se sabe, ao certo. Mas, apesar da idade, vem sendo apontada como a sucessora de Kim Jong Un, o líder da Coreia do Norte, cuja família se mantém no poder desde que o país foi constituído, em 1948. Ela, no caso, é Kim Ju Ae, filha do homem forte da nação mais fechada do mundo. Como as informações são muito controladas, pouco se conhece da rotina e das preferências da garota.

O que ganha evidência são suas aparições ao lado do pai em eventos públicos. No início do ano, Kim Jong Un

fez uma visita ao mausoléu da família, no centro de Pyongyang, onde reverenciou a memória do avô, Kim Il Sung, e do pai, Kim Jong Il, que governaram o país – eles ainda são chamados de “líderes eternos”. O atual comandante da Coreia do Norte esteve acompanhado da mulher, Ri Sol Ju, e da filha.

São momentos públicos como esse que alimentam as especulações em torno de sucessão. A jovem estaria sendo preparada para suas futuras atribuições? Ou Kim Jong Un apenas deseja imprimir uma imagem de um homem que valoriza sua família?

De todo modo, especialistas em relações internacionais e com foco em Coreia do Norte salientam que, mesmo que Kim Jong Un decida escolher sua filha para liderar o país, a garota deverá enfrentar resistência da sociedade local. A razão está no fato de o país seguir a filosofia confucionista, que tem hierarquias rígidas e na qual o marido prevalece sobre a mulher. Sendo assim, dirigentes do alto escalão do governo se sentiriam incomodados com uma liderança feminina.

O mundo foi “apresentado” a Ju Ae em 2022, quando ela acompanhou Kim Jong Un a um evento de lançamento de um míssil balístico intercontinental. Ela vestia uma elegante jaqueta branca acolchoada e se comportava de modo discreto, o que se repetiu nas aparições seguintes. Desde essa ocasião, a imprensa estatal norte-coreana menciona a jovem como “a filha querida” (na expressão em coreano). Também adota outros termos reservados aos principais dirigentes do país. Em março, uma reportagem na imprensa estatal sobre uma visita a uma fazenda descreveu a jovem como “uma grande pessoa de orientação”, geralmente reservado aos líderes mais antigos do regime.

Em setembro do ano passado, Ju Ae voltou a chamar atenção por ter feito sua primeira viagem internacional, a China. Ela estava na comitiva do pai que voou para Pequim para o evento que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial. O governo de Xi Jinping promoveu um grande desfile militar, demonstrando seu poderio bélico. Kim Jong Un se encontrou com o presidente russo Vladimir Putin, além do dirigente chinês.

Para a agência de espionagem da Coreia do Sul, a viagem era um sinal de que Ju Ae é a primeira na linha de sucessão para governar a Coreia do Norte. O serviço acredita que a intenção do governante fosse levar a filha à China para que ela adquirisse experiência internacional.

A pergunta que se faz é: ela tem irmãos? Acredita-se que, sim, um mais velho, com três anos a mais. E outro mais novo. Eles não são vistos, porém. O governo não deixa escapar mais informações sobre Ju Ae. No entanto, há boatos de que a filha de Kim Jong Un gosta de andar a cavalo, esquiar e nadar. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Protestos crescem contra serviço de imigração

Já são mais de mil protestos no país após o assassinato de Renee Nicole Good, que foi baleada no dia 7 por agentes do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE). A morte expôs a escalada de violência da agência criada em 2003, que triplicou de orçamento sob Donald Trump, atingindo US\$ 29,9 bilhões e ampliando o efetivo para 22 mil agentes. Organizações denunciam métodos agressivos, prisões sem devido processo legal e operações com carros sem identificação. Especialistas apontam que as metas elevadas de deportação — cerca de 1 milhão ao ano — incentivam ações truculentas, sobretudo em bairros não brancos. A comoção nacional levou milhares às ruas em solidariedade a imigrantes, enquanto o ICE acusa manifestantes de obstruir operações.

Nicarágua

Libertação ocorre sob pressão dos EUA

A Nicarágua libertou dezenas de detidos, sob pressão dos EUA, entre eles presos políticos, coincidindo com os 19 anos do casal Daniel Ortega e Rosario Murillo no poder (eles são presidente e vice). A agência EFE confirmou a soltura de sete opositores, enquanto o portal independente Divergentes registrou ao menos 30 libertados e uma ONG identificou 19. A embaixada norte-americana lembrou que mais de 60 pessoas seguem presas ou desaparecidas.

Bolívia

Governo revoga pacote, mas mantém cortes e ajustes

A Bolívia anulou o pacote econômico rejeitado por sindicatos, mas preservou parte das medidas após uma semana de bloqueios em estradas, em protesto. O ministro Mauricio Zamora afirmou que o novo decreto mantém o que foi acordado com a Central Operária Boliviana e que outra norma será elaborada em consenso. O plano original, apresentado por Rodrigo Paz, previa eliminação de subsídios aos combustíveis, cortes de impostos e congelamento de salários. Foram mantidos o aumento de 20% no mínimo, bônus sociais e o fim dos subsídios aos combustíveis.



Coreia do Sul

Promotoria pede pena de morte para ex-presidente

O promotor especial sul-coreano pediu a pena de morte para o ex-presidente Yoon Suk Yeol, acusado de planejar insurreição ao impor lei marcial em dezembro de 2024. Segundo a acusação, Yoon mobilizou o Exército para suspender a Assembleia Nacional e manter-se no poder. Ele nega e afirma ter agido dentro de suas prerrogativas. Destituído em 2025 após meses de protestos, Yoon enfrenta oito processos criminais. A Coreia do Sul não executa sentenças de morte desde 1997; o tribunal deve decidir o caso em fevereiro.

Austrália

Desastre é decretado após avanço de incêndios

A Austrália declarou estado de desastre no sudeste do país após incêndios florestais destruírem casas e arrasarem áreas de mata em Victoria. A onda de calor acima de 40°C e ventos fortes alimentou focos considerados os piores desde o "Verão Negro", série de incêndios ocorridos entre final de 2019 e início de 2020. Perto de Longwood, quase 150 mil hectares foram consumidos e ao menos 20 casas destruídas em Ruffy. A premiê Jacinta Allan autorizou evacuações forçadas. Três pessoas, incluindo uma criança, estão desaparecidas, e mais de 30 focos seguem ativos.

Rayane Soares enfrenta a obesidade agora com a ajuda da tirzepatida, o Mounjaro; ela compartilha sua luta nas redes

A ciência da obesidade

Como os medicamentos à base de GLP-1 estão revolucionando o tratamento da doença, reacendendo debates sobre acesso, estética e estigma – e impulsionando um mercado que pode movimentar R\$ 20 bilhões em 2026

Malu Echeverria

A pedagoga Rayane Soares, de 30 anos, luta contra a balança desde a infância. “Meu pai nos abandonou quando eu tinha oito anos. Passei a comer compulsivamente desde então como uma forma de consolo”, recorda-se. Em 2023, após dar a luz ao primeiro filho, atingiu seu peso máximo, cerca de 200 kg. Até então já havia feito diversas dietas, mas o peso sempre voltava. A situação começou a melhorar, quando entendeu que a obesidade não era sua culpa, e sim uma doença crônica, que necessitava de atendimento multidisciplinar.

“Recebi indicação médica para fazer cirurgia bariátrica, mas não tinha como pagar na época. Depois que meu primeiro filho nasceu, decidi que não podia mais ficar presa em casa. Comecei a fazer terapia, dieta com uma nutricionista e, apesar dos risos, academia”, conta Rayane. A pedagoga também

Serena Williams fez campanha sobre as canetas emagrecedoras



Robbie Williams recorreu a um dos novos medicamentos, alegando problemas de aumento de peso e de baixa autoestima



começou a postar sua jornada no Instagram e, em pouco tempo, virou influenciadora. Ela fechou contratos com uma plataforma de emagrecimento, um aplicativo de atividades físicas e uma marca de suplementos.

Há alguns meses, após o desmame do segundo filho, Rayane ganhou um novo aliado ao tratamento, a tirzepatida, que pertence a uma classe de medicamentos que se tornou febre em 2025, popularmente conhecida como canetas emagrecedoras.

“Tinha preconceito com a medicação, inclusive conheci profissionais de saúde que também tem. Mas hoje sei o quanto me ajuda, especialmente na saciedade”, afirma a influenciadora, que de 2023 para cá, perdeu 63 kg.

O relato individual de Rayane reflete uma realidade coletiva: de acordo com os dados brasileiros do Atlas Mundial da Obesidade 2025, 31% da população adulta têm obesidade e 37%,

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O que é GLP-1?

Os medicamentos Ozempic e Wegovy (com o princípio ativo semaglutida, da Novo Nordisk), Mounjaro (tirzepatida, da Eli Lilly), Saxenda, Victoza, Olire, Lirux (liraglutida, as duas primeiras da Novo Nordisk e as demais da EMS) e Trulicity (dulaglutida, da Eli Lilly) pertencem à classe dos agonistas de GLP-1. Sigla para Peptídeo-1 Semelhante ao Glucagon (hormônio que aumenta a glicose), o GLP-1 é produzido no intestino e liberado após as refeições. Ele atua no pâncreas, estimulando a secreção de insulina quando a glicose está elevada.

As canetas emagrecedoras — e também a versão do Wegovy na forma de comprimido — imitam esse hormônio natural, ativando os mesmos receptores intestinais e pancreáticos. Isso melhora o controle da glicemia, retarda o esvaziamento gástrico e aumenta a saciedade, o que explica a perda de peso. A tirzepatida tem uma diferença: ela é um agonista duplo, porque age também sobre o GIP (hormônio produzido no intestino delgado e liberado quando nos alimentamos; seu papel é comunicar ao corpo que há nutrientes sendo absorvidos e, portanto, a glicose no sangue irá subir).

Entre os possíveis efeitos colaterais desses remédios estão náuseas, vômitos, intolerância gastrointestinal e, em menor frequência, risco de hipoglicemia. As injeções são semanais e exigem prescrição e acompanhamento médico. O comprimido de Wegovy, recentemente aprovado nos EUA para tratamento de obesidade e sobrepeso, tem indicação diária.

sobrepeso. No combate à doença, destacam-se, entre os tratamentos mais modernos, os remédios chamados agonistas do hormônio GLP-1, onde estão a semaglutida (famoso como Ozempic, do laboratório Novo Nordisk), a liraglutida (Olire, da EMS), e a tirzepatida (Mounjaro, da Eli Lilly).

Até quem estampa uma imagem de saúde vem recorrendo a esses produtos. Nos EUA, a tenista Serena Williams fez uma campanha para uma startup de telemedicina com foco nas canetas. O objetivo, segundo a empresa, é normalizar o uso desses fármacos. Serena contou que utilizou tirzepatida porque não conseguia emagrecer: em suas palavras, perdeu 14 quilos em 8 meses.

Os remédios chamam a atenção também de criminosos, que estão assaltando farmácias e caminhões atrás da preciosa carga ou que estão vendendo imitações ilegais dos produtos.

No Brasil, uma mostra de como a tal febre tomou conta do país são dados do Ministério do Desenvolvimento, relativos a 2025. Eles indicam que a importação de medicamentos à base de hormônios polipeptídicos, na qual se enquadram as canetas da Novo Nordisk e da Eli Lilly, cresceram 88% em

um ano, movimentando R\$ 9 bilhões. A procura por esses remédios superou a de celulares e de itens como salmão e azeite de oliva.

“É normal que exista uma euforia ao redor do tema. A obesidade é um problema grave para a saúde pública no mundo inteiro e, até pouco tempo, tínhamos poucas ferramentas farmacológicas eficazes disponíveis para tratá-la. Por isso, quando bem indicadas, essas novas medicações são potencialmente revolucionárias”, afirma o endocrinologista Rodrigo Lamounier, diretor da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (Abeso).

Benefícios além do peso

Segundo projeções do banco suíço UBS, o mercado brasileiro de medicamentos à base de GLP-1 (que inclui o comprimido oral de semaglutida, o Wegovy, também da Novo Nordisk) deve dobrar de tamanho em 2026, aproximando-se de R\$ 20 bilhões.

O mercado se movimenta em especial porque em março vence a patente do princípio ativo do Ozempic no Brasil, impulsionando uma verdadeira corrida de laboratórios no país para

ROBERTO PEIL/AP

Em março, cairá no Brasil a patente semaglutida, famosa pelo Ozempic, levando laboratórios a investir em novos produtos





O endocrinologista Lamounier afirma que, quando bem indicadas, as novas medicações são potencialmente revolucionárias

como a semaglutida e a tirzepatida, a partir de 2018, estudos científicos vêm demonstrando que os benefícios à saúde das chamadas canetas emagrecedoras vão além. Diversos estudos comprovaram que elas atuam também sobre o risco de eventos cardiovasculares, apneia do sono e síndrome dos ovários policísticos (SOP). Mais recentemente, a Anvisa aprovou a indicação da semaglutida oral (Wegovy) para o tratamento da esteatose metabólica (gordura no fígado).

“Esse conhecimento já tínhamos com a cirurgia bariátrica, que nos ensinou que uma perda de peso expressiva pode melhorar diversos sintomas da obesidade clínica (quando o acúmulo excessivo de gordura corporal causa disfunções ou limitações)”, explica o médico cirurgião Ricardo Cohen, head do Centro Especializado em Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC), em São Paulo. O especialista chama a atenção ainda ao fato de que mesmo perdas de peso moderadas podem trazer benefícios.

Um famoso estudo que ficou conhecido como Select, por exemplo, avaliou os efeitos da semaglutida na redução de eventos cardiovasculares em pessoas com sobrepeso ou obesidade sem diabetes. Ainda que a média de perda de peso dos cerca de 8 mil participantes tenha ficado em torno de “apenas” 9,4%, como frisou Cohen, houve uma redução de 19% de mortalidade por todas as causas e de 28% em infarto do miocárdio.

A volta do culto à magreza?

A popularização dos agonistas do GLP-1 cresceu também entre pessoas que querem perder peso por motivos estéticos – o que fez os medicamentos sumirem das farmácias, apesar da obrigatoriedade de retenção de receita

Para o cirurgião Cohen, quem usa as canetas sem indicação médica, não terá os benefícios, somente os efeitos colaterais

médica (desde junho de 2025) e do alto custo. Estaria o “efeito Ozempic” redefinindo o culto à magreza?

Para Daiana Rodrigues, diretora de dados e estratégia do Grupo In Press, que realizou um estudo de consumo sobre o tema, a resposta é sim. “O ‘efeito Ozempic’ não cria o culto à magreza, mas turbina e reposiciona esse ideal ao transformá-la em algo percebido como ‘mais atingível’, ainda que de forma desigual, se considerarmos aspectos como o acesso, por exemplo”, afirma Daiana. “A realidade é que a pressão pela magreza nunca desapareceu. É um comportamento que perpassa a linha estética, e funciona também como símbolo de pertencimento”, acrescenta.

Na avaliação da especialista, esse reposicionamento já começa a influenciar a indústria alimentícia no Brasil, que passa a incorporar alimentos proteicos em seus portfólios – ainda que em menor escala do que nos Estados Unidos – em resposta a um dos principais desafios do emagrecimento rápido, ou seja, a perda de massa muscular.

Os tratamentos à base dessas medicações têm indicações médicas claras

BETO ASSEM



produzir genéricos e similares do medicamento. A Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa) informou ter recebido 13 pedidos de registro das canetas à base de semaglutida.

Há ainda nove pedidos em análise relacionados a remédios com liraglutida (cujas patentes caíram no final de 2014).

O que, afinal, esses remédios têm de tão especial? Originalmente criados para combater o diabetes, esses medicamentos classificados como agonistas do hormônio GLP-1 (ou seja, que ativam um receptor e imitam a ação de uma substância natural) se mostraram eficazes também no tratamento de outras doenças. Liberado pelo organismo quando nos alimentamos, o GLP-1 está ligado à regulação do açúcar no sangue, à fome e à digestão. Além do controle da glicemia, ao “imitar” esse hormônio, um dos resultados diretos desse tipo de medicação é a perda de peso. Por essa razão, com o tempo e sob novos títulos, elas foram aprovadas também para combater a obesidade.

Desde a chegada da liraglutida, uma das primeiras versões dos agonistas do GLP-1, em meados dos anos 2000, ao lançamento de novas formulações,

O futuro do tratamento

Como acontece com os demais tratamentos contra obesidade, remédios como Ozempic, Wegovy e Mounjaro também geram reganho de peso quando interrompidos – o conhecido “efeito sanfona”. A nutricionista Patrícia Davidson ressalta que uma das coisas que diferencia quem engorda de quem não recupera o peso após o tratamento é o acompanhamento multidisciplinar.

“A medicação exige progressão, quando se mostrar necessária, ou manutenção com uma dose mais baixa. Além disso, o ‘desmame’ deve ser feito aos poucos. Por fim, nesse processo, o papel do nutricionista é fundamental para o paciente adquirir novos hábitos alimentares”, afirma a especialista, para quem a medicação deve ser apenas uma “ponte” para as transformações no estilo de vida.

De acordo com Cohen, a maioria dos portadores de obesidade clínica possivelmente terá de tratar a doença com o auxílio de medicações por toda a vida. “No caso de outros problemas crônicos, ninguém questiona se o paciente deve ou não manter a medicação”, afirma. “O que estamos estudando agora é a frequência, ou seja, se o uso é diário, semanal ou até mesmo quinzenal, lembrando que um dos desafios das doenças crônicas é exatamente a adesão a partir do segundo ano de tratamento”, acrescenta o médico.

Diante deste cenário, uma boa notícia aos pacientes que fazem uso dos agonistas do GLP-1 foi a aprovação recente da pílula do Wegovy pelo FDA, agência reguladora dos Estados Unidos. Com isso o comprimido pode ser indicado para redução do excesso de peso corporal e para manutenção dessa condição a longo prazo.

Em um estudo (Oasis 4), a semaglutida oral administrada uma vez ao dia demonstrou uma perda média de peso de 16,6% para pacientes com obesidade ou sobrepeso que tinham uma ou mais comorbidades. Essa redução é semelhante à do Wegovy injetável. Nos EUA, a pílula já começou a ser vendida – por aqui, o laboratório ainda não solicitou à Anvisa o registro do medicamento e não há data para isso ocorrer.

“Como primeiro tratamento oral com GLP-1 para pessoas que vivem

A cirurgia bariátrica vai acabar?

Uma pergunta que tem sido feita aos médicos é se o avanço desses medicamentos irá acabar com a cirurgia bariátrica. A resposta é não. O que pode mudar é a indicação, de acordo com o médico cirurgião Ricardo Cohen, head do Centro Especializado em Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC), em São Paulo. “Assim como as estatinas (remédios para colesterol) não acabaram com a ponte de safena, as cirurgias bariátricas tenderão a ser indicadas a pacientes mais complexos ou que não respondem às mediações”, esclarece o especialista.

com sobrepeso ou obesidade, a pílula de Wegovy oferece aos pacientes uma nova opção de tratamento conveniente que pode ajudá-los a iniciar ou continuar sua jornada de perda de peso”, declarou, em comunicado, Mike Doustard, presidente e CEO da Novo Nordisk, ao celebrar a aprovação pela FDA.

A chegada de novas canetas emagrecedoras também provoca entusiasmo na indústria farmacêutica no Brasil. E entre pacientes. Um dos destaques é a retratrutida (agonista triplo que mimetiza a ação de três hormônios), que apresentou perda de até 28% do peso nos estudos. “Do ponto de vista social, porém, mais relevante do que a entrada de novas drogas é o acesso às que já temos”, pontua Lamounier.

Apesar dos avanços científicos no tratamento e na compreensão da obesidade, os especialistas afirmam que existe ainda um estigma em torno da doença, que embora tenha uma base genética e ambiental, tende a ser vista como uma falha de caráter individual. Percepção confirmada pela influenciadora – e agora estudante de nutrição – Rayane Soares. “Tento fazer a minha parte e levar essa mensagem às pessoas. Por muito tempo, tolerei ofensas por acreditar que a culpa era minha. Hoje, sei que sou digna de respeito”, reforça. **E**

Colaborou Matheus Almeida

Mike Doustard, da Novo Nordisk, celebra a aprovação da pílula de Wegovy como opção de tratamento conveniente

e o uso indiscriminado, sem acompanhamento médico, pode trazer riscos à saúde. Inclusive efeitos colaterais ainda desconhecidos, destaca Lamounier. “Sabemos que essas medicações são eficazes e seguras, porém, não podemos esquecer que existem muitos fármacos que, anos depois, são retirados do mercado por efeitos adversos que ninguém esperava”, pontua. Uma preocupação recente em relação aos agonistas do GLP-1 diz respeito a possíveis riscos à saúde ocular, problema relatado por alguns pacientes. Foi o que aconteceu com o cantor britânico Robbie Williams, que declarou ter recorrido a uma das canetas para lidar com problemas de aumento de peso e de baixa autoestima. A suposta sequela, porém, ainda está sob investigação científica.

Casos assim alertam para o uso dessas medicações por questões estéticas. “Quem toma sem indicação médica, não terá os benefícios, somente os efeitos colaterais”, diz Ricardo Cohen.



BIOMMM

*O laboratório Biommm
se prepara para
produzir o medicamento*



DIVULGAÇÃO

de 2025, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por unanimidade, que o prazo de 20 anos para vencimento da patente conta a partir do momento da submissão para análise do órgão regulatório, mantendo assim o prazo para março de 2026.

Outros agonistas do GLP-1 populares no Brasil são: liraglutida, comercializada pela Novo Nordisk com as marcas Saxenda e Victoza e pela EMS com as marcas Olire e Lirux; tirzepatida, vendida pela estadunidense Eli Lilly sob o nome Mounjaro, e dulaglutida, também da Eli Lilly, batizada comercialmente como Trulicity.

Fabricação nacional

A Biommm afirma que estará apta a disponibilizar o medicamento ao mercado logo após a obtenção da aprovação regulatória. O remédio será produzido em uma planta industrial em Nova Lima (MG), onde a companhia já fabrica insulina humana e insulina glargina. O investimento no espaço foi de R\$ 800 milhões. A EMS, também nacional, confirmou investimentos robustos: mais de R\$ 1 bilhão na produção de liraglutida, outra substância da classe dos agonistas do GLP-1 (vendido sob a marca Olire) e semaglutida.

Impacto nas farmácias

Os R\$ 10 bilhões movimentados no Brasil atualmente correspondem a aproximadamente 4% do tamanho total do mercado de varejo farmacêutico no país, indica um relatório publicado pelo Itaú BBA. Já outro levantamento, da XP Research, chegou a uma estimativa similar, com cifras entre R\$ 9 bilhões e R\$ 10 bilhões.

Com as mudanças à frente, o impacto da procura pelas canetas será sentido por outros setores além das indústrias farmacêuticas. As varejistas do setor também ganham. Atualmente, esses medicamentos representam entre 8% e 9% da receita da RD Saúde (que abarca as farmácias Raia e Drogasil), Pague Menos e Pânico.

O Itaú BBA projeta ainda que, até 2030, essa proporção possa chegar a 20%. O relatório aponta ainda que o mercado deve atingir pelo menos R\$ 50 bilhões até 2030, com cerca de 15 milhões de usuários. **E**

Mercado em expansão

A queda de patente da semaglutida, princípio ativo do Ozempic e do Wegovy, irá aumentar a concorrência e levar o setor a crescer cinco vezes no Brasil até 2030

Matheus Almeida

As canetas emagrecedoras estão para provocar uma reviravolta mercadológica no Brasil. Essa classe de medicamentos – os agonistas do hormônio GLP-1 – já movimentou R\$ 10 bilhões em vendas no país e pode crescer cinco vezes até 2030. Em março cairá a patente de um desses remédios, a semaglutida, molécula do famoso Ozempic e também do Wegovy, que recentemente foi aprovado como droga oral e liberado para venda nos EUA. Fabricado pelo laboratório dinamarquês Novo Nordisk, o fármaco teve tamanha aceitação global que contribuiu para impulsionar o Produto Interno Bruto (PIB) do país de origem.

Com a queda de patente, outros laboratórios vislumbram oportunidades de embarcar no sucesso do produto. Especialistas esperam que uma onda de genéricos e similares da substância

chegue ao mercado neste ano. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) recebeu mais de uma dezena de pedidos de registro de medicamentos à base de semaglutida. Ao menos três empresas brasileiras confirmaram à reportagem que têm planos para comercializar suas próprias versões do princípio ativo: Biommm, EMS e União Química. A brasileira Eurofarma fechou uma parceria com a Novo Nordisk e já comercializa suas próprias versões da semaglutida antes mesmo da queda da patente, com as marcas Extensor e Poviztra.

Vale ressaltar que o laboratório dinamarquês realizou diversas tentativas jurídicas de reverter o fim da patente da semaglutida. A companhia alegava que foi prejudicada pela demora de quase 13 anos da Anvisa para liberar o uso do medicamento. Em dezembro

Escotet é o principal executivo do Abanca, que foi comprado por seu grupo em uma transação avaliada em mais de US\$ 1 bilhão

REPRODUÇÃO/YOUTUBE



O único bilionário da Venezuela

Com patrimônio construído no setor bancário, Juan Carlos Escotet, fundador do Banesco, preside também o Real Club Deportivo La Coruña, do qual é dono

O empresário Juan Carlos Escotet ocupa hoje uma posição singular no cenário econômico da América Latina: é o único bilionário da Venezuela. Em um momento em que o país vive um chacoalhão político desde a invasão por parte de forças militares dos Estados Unidos, seu nome vem sendo comentado pela mídia. O banqueiro é o único representante da Venezuela – que também está combatida economicamente – no ranking de bilionários da Forbes. Destaca-se o fato de que sua trajetória de negócios foi construída fora do eixo do petróleo.

Segundo a Forbes, Escotet reúne atualmente uma fortuna de US\$ 11,2

bilhões, o que o coloca na posição 264 do ranking global de bilionários. A cifra cresceu de forma relevante nos últimos anos, em paralelo à expansão de seus negócios bancários fora do país.

Enquanto a economia venezuelana enfrenta inflação elevada, sanções externas e retração do consumo, a base patrimonial do empresário está cada vez mais concentrada em operações no exterior, especialmente na Europa e nos Estados Unidos.

Nascido em Madri, Escotet é filho de espanhóis que migraram para a Venezuela ainda durante sua infância. Aos 17 anos, trabalhava como mensageiro no Banco Unión, enquanto cursa-

va economia. A experiência no setor financeiro abriu caminho para o primeiro empreendimento próprio: em 1986, fundou uma corretora. Poucos anos depois, passou a incorporar serviços bancários, até que, em 2001, seu banco se fundiu justamente com o Banco Unión, onde havia começado a carreira.

Desse movimento surgiu o Banesco Banco Universal, que se tornaria um dos principais grupos financeiros privados da Venezuela. Com o tempo, a estratégia passou a mirar outros mercados. A expansão internacional ganhou corpo a partir de 2012, quando Escotet adquiriu o Banco Echevarría, na Espanha, por cerca de US\$ 90 milhões. No



O empresário assumiu o comando em 2024 do Deportivo La Coruña, que tem um estádio moderno; em 2025, foi inaugurado um centro de treinamento

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

ano seguinte, o grupo avançou sobre o Abanca, banco com sede na Galícia e com forte presença na Península Ibérica. A transação foi avaliada em mais de US\$ 1 bilhão.

Hoje, as operações ligadas a Escotet estão presentes em mercados como Espanha, Estados Unidos, Panamá, Brasil, Portugal, Alemanha, França, Suíça, Colômbia e Caribe. Em dezembro passado, por meio do Abanca, o grupo fechou a compra do Targobank, subsidiária espanhola do Crédit Mutuel. No mesmo período, a unidade norte-americana do Banesco anunciou a aquisição de uma carteira de investimentos da Small Business Administration, no valor de US\$ 95 milhões, ampliando a presença na Flórida e em Porto Rico.

Durante os governos de Hugo Chávez e Nicolás Maduro, o Banesco enfrentou episódios de intervenção estatal. Em 2018, 11 executivos foram detidos sob acusações de irregularidades cambiais. Após negociações que envolveram autoridades estrangeiras, os dirigentes foram libertados, e a intervenção foi encerrada no ano seguinte. Desde então, o banco mantém atuação no país, mas com foco cada vez menor no mercado interno.

Escotet fixou residência na cidade de A Coruña, na Espanha, onde também ampliou sua presença institucional. Além de presidir o Abanca, ele

passou a comandar o Real Club Deportivo La Coruña em 2024. Quatro anos antes, o banco assumiu o controle acionário do clube de futebol, que já esteve em melhor situação no sentido esportivo. Hoje, ele disputa a segunda divisão da liga espanhola.

A nomeação de Escotet, que, na prática é dono do time, ocorreu após mudanças no conselho de administração. Ele foi aprovado por unanimidade. O movimento reforça a ligação do banqueiro com a região da Galícia, onde concentra parte relevante de seus investimentos.


O novo presidente assumiu as rédeas do time no momento em que o La Coruña retornava à segunda divisão, após quatro temporadas no terceiro escalão. Rebaixado de La Liga (a principal do campeonato espanhol) em 2018, o time passou por grave crise financeira e esportiva, distanciando-se das glórias dos anos 1990 e 2000. Nesse período, a equipe viveu seu auge, quando era conhecida como Super Dépor.

Talentos brasileiros

O clube contou com talentos brasileiros para chegar ao topo do futebol espanhol. Entre eles, Bebeto, Djalmiinha, Mauro Silva e Flávio Conceição. O La Coruña conquistou La Liga na temporada 1999/2000, duas Copas do Rei (1995 e 2002) e três Supercopas da Espanha (1995, 2000 e 2002).

Apesar de conseguir o acesso para a segunda divisão, o time ainda trabalha para recuperar a estabilidade financeira. A entrada de Escotet na presidência reorganiza a gestão e concentra decisões estratégicas nas mãos do controlador. Em outubro passado, ele esteve na inauguração do novo centro de treinamento, um espaço moderno à altura das potências do futebol europeu.

A vida pessoal do empresário chamou atenção também em 2022, com a morte de seu filho, Juan Carlos Escotet Alviarez, aos 31 anos. O episódio ocorreu durante uma competição de pesca em Key Largo, na Flórida. Segundo o jornal Miami Herald, ele tentou ajudar a noiva que caiu no mar, porém foi atingido fatalmente pela hélice da embarcação. A noiva sobreviveu ao acidente.

Em meio a vendaval que sacode Venezuela, que acompanha o destino de Nicolás Maduro, preso em Nova York após ter sido sequestrado pelos militares norte-americanos, a história de Escotet segue como um caso fora da curva. Seu patrimônio e suas operações caminham em direção oposta à retração do país de origem. Mais do que um retrato individual, o percurso do banqueiro ajuda a entender como parte do capital latino-americano buscou estabilidade e crescimento por meio da internacionalização, em um cenário marcado por incertezas internas e rearranjos globais. 

Lucas Moraes corre na categoria carros na classe Ultimate, a mais veloz e competitiva.



Em busca do bi

Com o Rally Dakar, o brasileiro Lucas Moraes, atual campeão mundial de rally-raid, inicia jornada atrás de mais um título

Ivan Gomes

Apoucas etapas do seu final, o Rally Dakar, uma das mais icônicas provas do automobilismo, está fazendo muito piloto “comer poeira” em busca do título da prova que chega a sua 48ª edição, entre eles alguns brasileiros. Pelo sétimo ano consecutivo, a competição acontece integralmente na Arábia Saudita, mas desta vez o percurso está mais longo e adentrando terrenos mais pedregosos. O desafio de enfrentar o deserto se mantém. A largada foi dada no dia 3 de janeiro e irá cumprir um percurso de aproximadamente 8.000 km até se encerrar no sábado, 17.

Como ocorre desde 2022, o Rally Dakar abre a temporada do campeona-

to mundial de rally-raid, o W2RC. Para um brasileiro, a competição traz um elemento extra de desafio. Lucas Moraes tentará obter seu melhor resultado na tradicional prova e, assim, partir com mais vantagem para a busca do bicampeonato mundial. Em 2025, Lucas conquistou o título em outubro, na categoria de carros Ultimate (a mais veloz e competitiva), ao terminar o Rally do Marrocos em segundo lugar.

Em 2023, Lucas já tinha feito história ao se tornar o primeiro brasileiro a subir no pódio da classificação geral dos carros, terminando em 3º lugar logo em sua estreia. Em 2024, conquistou outro feito inédito: a primeira vitória de um piloto brasileiro em uma etapa es-

pecial do Dakar na categoria principal. É uma das grandes apostas do país nos próximos anos, incluindo a disputa inicial do calendário 2026.

O Rally Dakar é a maior e mais extrema prova de resistência do automobilismo mundial. Criado em 1979 pelo francês Thierry Sabine, que se perdeu no deserto durante um rali e decidiu que aquela experiência de sobrevivência deveria ser compartilhada, o evento tornou-se o principal desafio para pilotos de motos, carros, caminhões e UTVs (veículo utilitário de terreno).

A competição funciona no formato de rally-raid, uma modalidade de longa distância que é organizada em terrenos *off-road*. Diferentemente de um rali

*A 48ª edição do Rally Dakar
está mais longa, com um
percurso de cerca de 8.000 km*



MARCELO MARRAGNIREDEULLCONTENTPOOL

tradicional de velocidade em estradas fechadas, no Dakar a navegação é tão importante quanto a velocidade.

A prova é feita em estágios, que duram cerca de duas semanas, divididas em etapas diárias (os estágios) que podem cobrir de 500 km a 900 km por dia. Os competidores enfrentam diferentes terrenos, como dunas de areia gigantescas, lama, rochas cortantes e poeira intensa.

Outro obstáculo é que os pilotos não conhecem o caminho exato. Eles recebem um roteiro (o roadbook) com coordenadas e perigos indicados, devendo passar por pontos de controle obrigatórios (waypoints).

Durante décadas, o nome oficial do circuito era Rally Paris-Dakar. Isso porque a largada tradicional ocorria na capital francesa. A chegada era em Dakar, no Senegal. Posteriormente, o nome foi simplificado para Dakar por motivos como identidade global, valorização da marca e até por questões de geopolítica e segurança.

Em 2008, o evento foi cancelado na véspera da largada devido a ameaças terroristas da Al-Qaeda na Mauritânia. Para garantir a sobrevivência da prova, a organização (ASO) decidiu transferi-la para a América do Sul em 2009. Depois, migrou para a Arábia Saudita, onde permanece.

Como a prova deixou de passar fisicamente por Paris ou Dakar, o nome “Dakar” tornou-se um símbolo do espírito de aventura de quem se aventura por tal tipo de terreno. Sem deixar de lado as altas doses de desafio, independentemente do local geográfico onde a competição é realizada.

Outros brasileiros

Além de Lucas, a categoria de carros na classe Ultimate e de protótipos leves conta com dois nomes fundamentais para entender o sucesso atual do país na modalidade: Marcos Moraes e Marcelo Gastaldi.

Marcos é pai de Lucas, e uma figura central no rali do Brasil. Ele foi

o responsável por profissionalizar o Rally dos Sertões, transformando-o em uma das maiores provas do mundo sob a gestão da Dunas Race. Como competidor, Marcos participa no Dakar tanto na categoria de motos, quanto na de carros. Marcos e Lucas são sobrinhos de primeiro e segundo grau, respectivamente, do empresário Antônio Ermírio de Moraes, que foi presidente do Grupo Votorantim.

Já Gastaldi é um piloto de elite que tem mostrado evolução constante. Em 2024, ele brilhou ao vencer a 10ª etapa do Dakar na categoria de protótipos leves, superando nomes renomados do cenário internacional. Com vitórias importantes também no Rally dos Sertões, Marcelo é conhecido por sua pilotagem técnica e agressiva.


Até o fechamento desta edição, com a 10ª etapa disputada, Lucas Moraes ocupava a oitava posição na classificação geral. Neste ano, 71 carros inscritos no W2RC – e 34 na classe Ultimate – deram largada no Rally Dakar. **E**

Verão diferente

Neste ano, sorveterias e restaurantes em São Paulo estão apostando em gelados com sabores fora do comum

André Ruoco

Nos dias de calor intenso, o sorvete deixa de ser apenas uma sobremesa e se torna um momento de pausa no meio do dia. Neste verão, sorveterias e restaurantes de São Paulo estão investindo em sabores inusitados, com frutas tropicais, ervas frescas e ingredientes pouco comuns. A proposta é refrescar, surpreender e trazer leveza.

As combinações criativas variam e foram pensadas para proporcionar frescor a cada colherada. Vale experimentar, sair do tradicional e descobrir novos jeitos de aproveitar o verão. 



DIVULGAÇÃO



LEO MARTINS



MÁRIO RODRIGUES

Walnuts

Oferece sabores como Queijo Canastra com Goiabada e Sorbet de Maracujá com Gengibre (a partir de R\$ 15).

Unidades: Vila Clementino (rua Luís Góis, 1607) e Vila Mariana (rua Morgado de Mateus, 160).

Horário: todos os dias, 12h às 19h30.

Fahrenheit

A sugestão é a sobremesa Apple Volcano (R\$ 45), torta de maçã com sorvete de mel e toffee de Baileys.

Endereço: av. Presidente Juscelino Kubitschek, 2041 – JK Iguatemi, Vila Olímpia.

Horário: segunda a sexta, 11h30 às 22h; fins de semana e feriados, 12h às 22h.



RAUL DA MOTA



DIVULGAÇÃO

Arabia

O restaurante aposta em opções especiais como Halawi, Misk e logurte com Damasco e Figo (R\$ 27)

Endereço: Alameda Lorena, 1821 – Jardim Paulista.

Telefone: (11) 3061-2203.

Horário: segunda a quinta, 12h às 23h; sexta e sábado, 12h à 0h.

Kaifu Asian Cuisine

A casa oferece sorvete artesanal Kaifu de Gergelim Preto (R\$ 18).

Endereço: rua José Maria Lisboa, 1065 – Jardim Paulista.

Horário: terça a quinta, 12h às 15h e 19h às 22h; sexta e sábado, 12h às 15h30 e 19h às 22h30; domingo, 12h às 15h30.

Tchocolath

A cafeteria serve sorvete artesanal de pão de mel (R\$ 28, 100 g).

Endereço: rua Antônio Afonso, 19 – Vila Nova Conceição.

Telefone: (11) 97652-3081.

Horário: segunda a sábado, 8h às 19h; domingo, 8h às 18h.



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



DIVULGAÇÃO



HENRIQUE PERON

Lumi Creamy

Há opções como Requeijão com Bolo de Rolo e Chocolate e coentro, por R\$ 18 (1 bola).

Unidades: Vila Madalena (rua Medeiros de Albuquerque, 147) e República (rua Dr. Bráulio Gomes, 115).

Horário: consultar unidades.

Momonoki

Sugestão refrescante: gelato de maracujá com wasabi (R\$ 17).

Endereço: rua Wisard, 264 – Vila Madalena.

Telefone: (11) 99257-8825.

Horário: terça a domingo, 9h às 18h.

Varanda D.inner

Sugestão de sobremesa: Romeu e Julieta (R\$ 36), com sorvete de queijo.

Endereço: rua Prudente Correia, 432 – Jardim Europa, São Paulo/SP.

Telefone: (11) 3039-6500.

Horário: terça a sábado, 19h às 22h.



DIVULGAÇÃO



MÁRIO RODRIGUES



RENAN MAGALHÃES

Amazo

A sobremesa Tres Leches (R\$ 38) acompanha gelado artesanal de caju com pisco e toques de cumaru e cardamomo.

Unidades: Campos Elíseos (rua dos Guaianazes, 1149) e Shopping Pátio Higienópolis.

Telefone: Campos Elíseos: (11) 99560-4321.

Maza

Entre as sobremesas está o Carrot Cake (R\$ 39), servido com sorvete de mel e crumble de especiarias.

Endereço: rua Manuel Guedes, 243 – Itaim Bibi.

Horário: segunda a quinta, 12h às 15h e 19h às 23h; sexta e sábado, horários estendidos até 0h.

Lassù

O restaurante sugere a Torta di Mele (R\$ 51), servida com sorvete de canela.

Endereço: rua Conselheiro Saraiva, 207 – 28º andar, Santana.

Reservas: (11) 97627-6148.

Horário: segunda a sexta, 12h às 15h e 18h às 0h; sábado, 12h às 16h e 18h às 0h; domingo, 12h às 17h.

Do Vale do Rhône para a Mantiqueira

Novo destino de enoturismo, Espírito Santo do Pinhal (SP) troca café pelo vinho Syrah

Ana Carolina Nunes

Auva Syrah, que tem como berço o Vale do Rhône, na França, agora se destaca em outra região de vale, mas do lado de cá do Atlântico. Na pequena cidade de Espírito Santo do Pinhal, no Vale da Mantiqueira, no encontro entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a variedade vem rendendo boas safras de vinho e experiências turísticas. Com necessidades de clima muito semelhantes ao café — inverno ameno e seco —, a Syrah se adaptou bem à região graças à técnica da dupla poda, comum na viticultura tropical e

responsável pelos chamados “vinhos de inverno”, cuja colheita ocorre na estação mais fria, e não no verão.

“É uma região única no mundo. Poucos lugares têm essa cultura. O fato de colher vinho de inverno, em uma região tropical, o torna único no mundo”, destaca Thiago Mendes, sommelier e fundador da escola de vinhos Eno Cultura.

Cada região produtora tem seus vinhos únicos, afirma. A ideia é que, com o tempo, cada vinícola também desenvolva seu rótulo diferencial, ainda que

sejam todos dessa variedade. “É questão de tempo para que a região tenha uma identidade própria. Em algumas décadas, ela pode ser o destino Syrah no Brasil, uma referência”, acredita Mendes.

Duas associações atuam para impulsionar a produção e o local como destino de enoturismo: Avvine (Associação dos Viticultores da Serra dos Encontros), com 27 associados de quatro cidades da região, e Anprovin (Associação Nacional de Produtores de Vinhos de Inverno), que engloba produtores de vinho de inverno não só nesse pedaço de São Paulo como também em Minas Gerais. O Brasil ultrapassou, em 2024, a marca de 30 milhões de litros de vinhos finos produzidos, e o segmento de vinhos de inverno cresce em média 15% ao ano, informa a Anprovin.

Experiência em taças

O primeiro movimento foi feito pela Guaspari, há cerca de 20 anos, quando ainda tinha como atividade principal a de fazenda de café. Hoje, a Vinícola Guaspari é um dos principais nomes do enoturismo na região da Mantiqueira, ou Vale dos Encontros. Além da produção de café e de vinho, ela é conhecida pela de azeite, com sete dos nove hectares de oliveiras produtivos.

A técnica da dupla poda em que a Guaspari foi pioneira teve a parceria da Epamig (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais) no desenvolvimento das pesquisas. “O café estava em baixa. Começou-se a pesquisar outras culturas, resolveram fazer um teste, plantaram variedades nessa área e as primeiras que despontaram foram Syrah e Sauvignon Blanc”, relata Paulo Brammer, CEO da Vinícola Guaspari, que hoje produz uvas por 50 hectares.

O primeiro plantio foi em 2006, sendo a primeira safra colhida em 2010, e a primeira para fins comerciais em 2014, com 10 mil garrafas. No início eram três rótulos focados em venda em empórios. “Não tinha foco de abrir para experiência. O foco era produzir vinho de qualidade e de orgulho para todos”, lembra Brammer.

Mas começaram a receber grupos de amigos, grande parte da capital paulista, que está a menos de duas horas de distância. Quando se deram conta, tinha lista de espera. Assim, em 2017,



ELIAS GOMES

Vinícola Guaspari lançou a área de experiências nos moldes do que se oferece na França



Serra dos Encontros, no Vale da Mantiqueira: novo polo de enoturismo

DIVULGAÇÃO

lançaram a parte do negócio voltada ao enoturismo, para experiência, aos moldes de destinos já bastante consolidados no mundo, como França, Chile, Argentina ou o Sul do país.

As expectativas para o fechamento do ano eram de a Guaspari finalizar 2025 com a produção de 150 mil garrafas e uma média de mais de mil visitantes aos finais de semana. Por enquanto, a experiência envolve apenas a parte produtiva da vinícola, com opção de loja e restaurante, mas sem hospedagem, programada para funcionar neste primeiro semestre.

Brammer diz que 70% das compras já são feitas por consumidor final, na loja em Pinhal, via e-commerce ou até por um clube de assinaturas. Os outros 30% são para restaurantes, hotéis e lojas especializadas. Os rótulos custam a partir de R\$ 158, podendo chegar até R\$ 800. A principal uva é a Syrah, depois Sauvignon Blanc e está em início uma produção de Pinot Noir.

Na Amana, outra vinícola que está explorando o Syrah da Mantiqueira, os

rótulos estão disponíveis na faixa entre R\$ 160 e R\$ 400. São 12 hectares plantados. Em 2025, contabilizaram 60 toneladas colhidas, ou cerca de 50 mil a 55 mil garrafas, grande parte Syrah, mas algumas Chenin Blanc.

“Temos um plano de expansão para chegar a mais de 100 mil garrafas em até dez anos”, revela Alexandre Develey, CEO da Amana e um dos 49 sócios que se reuniram em 2017 para iniciar o projeto.

A vinícola atua, por enquanto, na experiência do visitante, mas se organiza para oferecer hospedagem, eventos corporativos, e ampliar opções gastronômicas. A empresa fornece para empórios, comércio local entre Rio e São Paulo, restaurantes da região e, agora, está lançando um e-commerce.

“Esses projetos são desenvolvidos por empresários, amantes do vinho, que querem produzir em uma estrutura similar às grandes e às melhores do mundo. Mas ainda estamos num processo de desenvolvimento da”, aponta Mendes. Mais do que buscar dividen-

dos – e, sim, há quem esteja com foco em investimento –, tem gente que está realizando um sonho. “De todo modo, é uma aposta na região, para que tenha uma valorização bastante significativa”, completa.

A projeção da Amana era de fechar 2025 com 25 mil visitas e ter novo restaurante em 2026. A hospedagem está prevista para daqui cerca de dois anos. “A ideia ainda é manter o conceito de vinícola o máximo possível, até porque, para investimentos, tivemos o desafio da alta taxa de juros. Mas tem crescido o interesse de grupos de investidores, principalmente em hotelaria e hospitalidade”, diz Develey.

Polo de turismo, negócios e empregos

A vitivinicultura e o enoturismo são atividades consideradas relativamente recentes na região. Por isso, entre os desafios estão a confiança do público no destino, especialmente o público de alta renda, e o desenvolvimento da região para atender o consumidor, como a oferta de uma boa rede de hotéis e pousadas.

Destaca-se ainda o projeto estadual paulista Rotas do Vinho, iniciado formalmente há pouco mais de um ano. Ele engloba 66 vinícolas em cinco regiões do estado que são reconhecidas como destino de enoturismo, sendo 11 delas premiadas internacionalmente: Circuito das Frutas, Bandeirantes, Alta Mogiana, Alto da Mantiqueira e a Serra dos Encontros, onde está Espírito Santo do Pinhal.

A secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo levantou que 82% das vinícolas registraram aumento no número de visitantes desde o lançamento do projeto, com média de 27% de crescimento no fluxo turístico. Foram mapeadas mais de 270 vinícolas em todo o estado.

Já a secretaria de Turismo de Espírito Santo do Pinhal indica que, nos últimos quatro anos, os investimentos privados na vitivinicultura e enoturismo na cidade somam cerca de R\$ 2 bilhões. O município tem 28 projetos mapeados no segmento, sendo nove deles abertos à experiência para visitantes. Se considerado um raio de 100km na região, chegam a 81 os projetos. **E**



Wagner Moura agradeceu o prêmio de Melhor Ator com um “viva a cultura brasileira”

MARIO ANZUONI

O baiano tem o molho

Vitória de Wagner Moura como Melhor Ator no Globo de Ouro provoca novo “clima de Copa” no Brasil

No ano passado, a atriz Fernanda Torres fez o Brasil acreditar que “a vida presta”. Agora Wagner Moura pede um “viva a cultura”. Os dois subiram ao palco do Globo de Ouro reconhecidos pela atuação em obra de drama. Ela em 2025. Ele, no domingo passado, 11. Ambos provocaram um “clima de Copa do Mundo” entre os brasileiros, ansiosos por um Oscar. No caso atual, mais um. O sonho é por mais uma estatueta, ao menos.

O que dá um bom impulso para esse desejo é exatamente o resultado do Globo de Ouro (realizado pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood), que movimenta a mídia, sobretudo a especializada, e as casas de

apostas de olho na temporada de premiações. O fato é que esta edição foi histórica para o país. Pela primeira vez um brasileiro levou o prêmio de Melhor Ator: o baiano Wagner Moura por “O Agente Secreto”. Em 2025, Fernanda Torres também rompeu com o ineditismo, levando o troféu de Melhor Atriz.

Em Los Angeles, “O Agente Secreto”, dirigido pelo recifense Kleber Mendonça Filho, foi consagrado como Melhor Filme em Língua Não Inglesa, superando “Valor Sentimental” (Noruega), “Sirât” (Espanha), “A Única Saída” (Coreia do Sul), “A Voz de Hind Rajab” (Tunísia) e “Foi Apenas um Acidente” (França). Mesmo sem conquistar o prêmio de Melhor Fil-

me de Drama – entregue ao britânico “Hamnet” –, o Brasil fez a festa. No Critics Choice Awards, ocorrido uma semana antes, “O Agente Secreto” também foi laureado como Melhor Filme Internacional.

No palco do Globo de Ouro, Mendonça abriu seu discurso com um “alô, Brasil”, agradeceu aos distribuidores, à produtora Emilie Lesclaux (com quem é casado) e ao elenco, destacando Moura como “um grande ator e um grande amigo” – o personagem Armando, o protagonista, foi criado para o ator baiano. Mendonça dedicou o longa a jovens cineastas, dos EUA e do Brasil. O prêmio coroou uma trajetória internacional marcante, iniciada no Festival



VICTOR JUCA

Kleber Mendonça Filho no set de "O Agente Secreto" com Moura, para quem escreveu o personagem Armando

de Cannes, onde concorreu à Palma de Ouro, e que ainda tem uma intensa jornada pela frente, até o Oscar, que acontece no dia 15 de março. Até o momento, a produção já arrebatou mais de 50 prêmios nesse percurso.

Ainda sobre o Globo de Ouro, Moura competiu na categoria Melhor Ator em Filme de Drama com Joel Edgerton ("Sonhos de Trem"), Oscar Isaac ("Frankenstein"), Dwayne Johnson ("Coração de Lutador: The Smashing Machine"), Michael B. Jordan ("Pecadores") e Jeremy Allen White ("Springsteen: Salve-me do Desconhecido").

Na premiação da associação dos jornalistas estrangeiros, o Brasil já brilhou com "Orfeu Negro", Melhor Filme Estrangeiro em 1960, e com "Central do Brasil" que arrebatou a mesma estatueta em 1999, além da vitória de Fernanda Torres. Por sinal, o elenco de "O Agente Secreto" a transformou em um santinho, apelidado de "Fernanda Torres da Sorte", que foi exibido pelas TVs, ressaltando o típico humor nacional. E o acerto: afinal, o truque funcionou.

Recado em português

Ao subir ao palco, depois dos agradecimentos habituais (organização, colegas indicados, equipes, distribuidoras), Moura falou diretamente ao cineasta recifense: "Você é um gênio; você é meu irmão, e eu agradeço por isso e por muitas outras coisas." Na sequência, o ator falou sobre o tema central do longa. "O Agente Secreto" é um

filme sobre memória, ou sobre a falta de memória, e sobre trauma geracional. Acho que, se o trauma pode ser passado entre gerações, os valores também podem", disse, sendo aplaudido. Em seguida, dedicou o prêmio "àqueles que permanecem fiéis aos seus valores em momentos difíceis". E depois ele mencionou a esposa, a fotógrafa e documentarista Sandra Delgado, e os filhos.

Por fim, Moura deixou uma mensagem em português para os brasileiros. "Para todo mundo no Brasil assistindo a isso agora: viva o Brasil, viva a cultura brasileira. Muito obrigado."

No topo

As redes sociais, mais uma vez, fervilharam. Memes se multiplicaram, assim como homenagens e posts comemorando os resultados. A música "O baiano tem o molho", hit de O Kanna-lha, embalou diversos vídeos e a expressão chegou, inclusive, a jornalistas estrangeiros. Em uma entrevista pós-Globo de Ouro, Moura foi perguntado por um repórter norte-americano sobre o significado de "the guy from Bahia has the sauce". O ator riu e explicou que é uma maneira nordestina – e de Salvador – de se dizer que a pessoa é legal. "Nossa autoestima é muito alta, não de forma arrogante".

O próprio Globo de Ouro aproveitou "o molho" em seu perfil no Instagram, levando em conta, obviamente, o sucesso que Fernanda fez no post com o discurso de agradecimento da atriz.

O momento de Moura no palco rendeu quase 7 milhões de visualizações. É o vídeo de agradecimento que tem mais views nesta edição do prêmio.

Antes da realização do Globo de Ouro, a Variety, uma das mídias especializadas em cinema nos Estados Unidos, tinha tirado o nome do brasileiro entre suas apostas na categoria de "Melhor Ator" do Oscar – isso porque ele não esteve entre os indicados do SAG Awards, termômetro importante para as pretensões dos atores. Agora, ela voltou a destacar Moura.

A revista, porém, projeta outro nome como vencedor. Segundo os cálculos da Variety, o veterano Ethan Hawke, protagonista de "Blue Moon", deve levar a estatueta, superando Leonardo DiCaprio ("Uma Batalha Após a Outra"), Timothée Chalamet ("Marty Supreme") e Michael B. Jordan ("Pecadores"). O título também aponta "O Agente Secreto" como um dos selecionados para concorrer por "Melhor Filme" e "Melhor Filme Internacional".

Ainda tem bastante chão até o Oscar e a jornada do filme de Kleber Mendonça e de Wagner Moura entre as premiações do cinema segue a todo vapor. Os brasileiros ainda verão mais vezes o elenco de "O Agente Secreto" nos compromissos de Hollywood e outros eventos da indústria, como o britânico Bafta, em que o longa brasileiro tem chances de disputar a categoria de Melhor Filme Internacional e Melhor Roteiro Original (Moura não entrou na

Trajeto de sucesso

Confira alguns trabalhos que marcaram a carreira de Wagner Moura como ator

Filmes

"Sabor da Paixão" (2000)

Primeiro longa-metragem do ator, onde trabalhou ao lado da estrela espanhola Penélope Cruz com um papel pequeno. A trama retrata a vida de uma cozinheira que busca sucesso nos Estados Unidos após ser traída pelo marido.



"Carandiru" (2003)

Baseada no livro de Drauzio Varella sobre a história do massacre na casa de detenção, a produção projetou o ator nacionalmente. Nela, Moura interpreta Zico, um dos veteranos no presídio.



"Saneamento Básico, o Filme" (2007)

Ao lado da também vencedora de um Globo de Ouro, Fernanda Torres, o artista dá vida a Joaquim, que decide gravar um filme caseiro para conseguir verba e resolver os problemas de saneamento em uma pequena comunidade no Sul do Brasil.

"Tropa de Elite" (2007)

Considerado um dos filmes mais importantes da carreira do ator, onde ele vive o Capitão Nascimento, um policial do Bope, Batalhão de Operações Especiais da Polícia do Rio de Janeiro. O longa narra a violência e a batalha contra o crime e tráfico de drogas na cidade maravilhosa.

"Gato de Botas 2: O Último Pedido" (2022)

Na produção, o baiano é responsável pela dublagem em inglês do vilão "Lobo", representação da Morte, que persegue o Gato de Botas após o aventureiro ter esgotado oito de duas nove vidas felinas. A versão em português ficou a cargo de Sérgio Moreno.



"Guerra Civil" (2024)

Em um futuro distópico nos EUA, em plena guerra interna, um grupo de jornalistas tenta cruzar o país para documentar o avanço de milícias contra a sede governo. O brasileiro interpreta Joel, um repórter que faz dupla com a fotógrafa Lee, vivida por Kirsten Dunst.

Série



"Narcos" (2015/2017)

Intérprete de Pablo Escobar na série de



sucesso, Moura conquistou importante reconhecimento mundial, que lhe rendeu uma indicação ao Globo de Ouro na categoria "Melhor Ator em Série de Drama", em 2016. O enredo acompanha o poder do narcotráfico na América Latina nos anos 1980.



"Iluminadas" (2022)

Na série da AppleTV, a personagem Kirby Mazrachi (Elisabeth Moss) sobrevive a uma brutal tentativa de assassinato. Tempos depois, ela conta com a ajuda de um jornalista (Moura) para entender um crime que se assemelha ao ataque que sofreu.

"Ladrões de Drogas" (2025)

Esta produção da Apple TV, indicada ao Critics Choice Awards, mistura crime, ação e humor. Moura interpreta Manny, parceiro de Ray (Brian Tyree Henry), com quem finge ser um agente antidrogas para roubar carregamentos ilícitos.

Novela



"Paraíso Tropical" (2007)

Última novela de Wagner Moura, a trama é considerada uma das mais icônicas no currículo do ator. Nela, ele interpreta Olavo, responsável pela frase "Você é a cachorra mais burra desse calçadão", e faz par romântico com a atriz Camila Pitanga.

O caminho para o Oscar



Tão logo se encerrou o Globo de Ouro, a torcida por Wagner Moura e “O Agente Secreto” tratou de pensar no ponto alto da temporada de premiações de Hollywood, o Oscar. A tão aguardada “festa do cinema”, organizada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, será na noite de 15 de março. Mas nesta semana foram dados importantes passos nessa estrada.

Na segunda-feira, 12, iniciou-se o processo de votação com mais de 10 mil profissionais dessa indústria que define os finalistas nas categorias da premiação. Os membros da academia têm até esta sexta-feira, 16, para elegerem seus favoritos. Os indicados nas 24 categorias (uma a mais em relação a 2025) serão divulgados no dia 22.

A expectativa é de que o longa e Wagner Moura estejam presentes nas listas de “Melhor Filme Internacional” (onde é um dos favoritos ao prêmio) e “Melhor Ator” (com boas chances de o baiano ser confirmado). Ainda há a esperança para “Melhor Filme” e para a inclusão de Kleber Mendonça Filho na disputa de Melhor Direção, embora o nome do cineasta brasileiro não desponte nas apostas dos especialistas, e nem o longa brasileiro performe tão bem nos palpites para o principal prêmio do Oscar. Em dezembro, “O Agente Secreto” foi anunciado entre as 15 produções pré-indicadas na competição de “Melhor Filme Internacional”. Também está no shortlist da categoria estreante: Melhor Elenco (Casting).

Revelados os concorrentes, vem a etapa decisória. Entre 26 de fevereiro e 5 de março, os votantes deverão selecionar os vencedores das 24 categorias. Entre as pessoas que ajudam a definir o destino das estatuetas estão dezenas de brasileiros. Alguns deles são: Alice Braga, Fernanda Torres, Fernanda Montenegro, Rodrigo Santoro, Selton Mello, Sônia Braga, Wagner Moura (todos atores), Affonso Beato (diretor de fotografia), Andrea Barata Ribeiro, Rodrigo Teixeira (ambos produtores), Walter Salles, Anna Muylaert, Bruno Barreto, Carolina Markowicz, Kleber Mendonça (diretores) e Carlos Saldanha (diretor e animador).



Elenco e equipe de “O Agente Secreto” celebram as conquistas do Globo de Ouro

pré-lista de indicados a ator) – os indicados serão anunciados no próximo dia 27 e os ganhadores serão conhecidos em 22 de fevereiro.

Enquanto isso, pode-se dizer que Moura, 49 anos, vive seu melhor momento na indústria. Famoso nas novelas brasileiras – uma importante plataforma de talentos no país –, o ator baiano deixou o país e mora em Los Angeles há cerca de sete anos, o que o aproximou dos projetos internacionais. Em 2013, ele atuou em “Elysium”, que é praticamente sua estreia no cenário global, ainda que “Tropa de Elite” (2007), de José Padilha, tenha lançado seu nome internacionalmente. Seu Capitão Nascimento é um dos personagens inesquecíveis do cinema brasileiro. E sua interpretação de Pablo Escobar na série “Narcos”, lançada pela Netflix em 2015, contribuiu para que mais gente conhecesse seu talento – que se estende para a direção, vide “Marighella”, protagonizado por Seu Jorge, um filme que teve estreia mundial em 2019, mas que só chegou ao circuito comercial no Brasil em 2021, devido aos rumos políticos do país.

Esse episódio ajuda a explicar a ampla defesa do cinema nacional que Moura costuma fazer em suas aparições mundo afora. O ator e diretor baiano costuma fazer a defesa veemente da produção cultural brasileira. Daí, seu discurso no Globo de Ouro, símbolo de uma trajetória vencedora e até inimaginável para o garoto que cresceu em Rodelas, município do sertão baiano que deixou de existir após ser alagado para a construção de uma usina hidrelétrica.

O lugar de nascimento, porém, é Salvador. Moura retornou à capital baiana na adolescência. Foi em Salvador que se formou em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e iniciou sua trajetória no teatro, junto dos colegas Lázaro Ramos, Vladimir Brichta e Gustavo Falcão, com quem atuou na peça “A Máquina”. De lá, ganhou o mundo, que hoje o reconhece como um dos grandes atores da cena global, inclusive falando em seu idioma de origem. É um feito e tanto para Hollywood, que não tem o costume de ir ao cinema para ver filme com legendas. **E**

Colaboraram Letícia Sena e Sofia Magalhães

O brilho das mulheres sertanejas

“Coração Acelerado” fala da jornada feminina no gênero musical mais popular do país

A nova novela das sete da Globo, “Coração Acelerado”, centrada no universo da música sertaneja, estreou nesta semana com uma homenagem que comoveu a web: Marília Mendonça, que morreu em 2021. Com imagens resgatadas de um show em Manaus em 2016, a artista é inspiração da protagonista da história, Agrado, que sonha atingir o estrelato como sua musa. Na cena, ela aparece criança, com ambientação daquele ano. Criada por Izabel de Oliveira e Maria Helena Nascimento, a trama gira em torno da jornada feminina rumo à ascensão no gênero musical mais popular do Brasil.

No show, Agrado está com a mãe, Janete (Letícia Spiller), vendo a rainha da sofrência cantar “Eu Sei de Cor”. Por sinal, as músicas do novo folhetim são uma atração especial. Algumas canções foram compostas para a novela com ícones do sertanejo, entre eles artistas que vão aparecer na tela.

No elenco estão Isadora Cruz, que faz a Agrado adulta, Isabelle Drummond (Naiane) e Filipe Bragança (João Raul). A trama é ambientada na fictícia cidade de Bom Retorno, Goiás. Agrado cresceu embalada pelas canções de Marília Mendonça, Maiara e Maraísa, Simone e Simaria, mulheres que explodiram nas paradas musicais.

Quando criança, no concurso de uma rádio de Goiás, Agrado conhece o menino João Raul, que, assim como ela, sonha em ser artista. Os dois decidem se apresentar juntos. Mas Agrado, que mudou seu nome na hora, é obrigada a abandonar o concurso. Antes de partir, ela deixa com João Raul sua medalhinha de Santa Cecília.

A história avança para a atualidade. João Raul se tornou um grande astro



Romance e confusões vão envolver o trio Naiane (Isabelle Drummond), João Raul (Filipe Bragança) e Agrado (Isadora Cruz)

sertanejo e usa suas redes para procurar a garota do passado. A publicação causa um alvoroço na internet e atinge a influenciadora digital Naiane Sampaio, com quem o cantor tinha um romance. O destino reúne João Raul e Agrado novamente, sem que o astro saiba que ela é a menina a quem procura.

Outro núcleo é o clã dos Amaral, dono de um conglomerado bilionário que atua no algodão, na moda e no entretenimento. No centro desse império está Alaor Amaral (Marcos Caruso), o “Rei do Country”. Antes de se tornar poderoso, Alaor foi um jovem pobre que ascendeu ao casar-se com Branca (Ana Barroso), herdeira de uma das maiores produtoras de algodão do Centro-Oeste. O personagem assume os negócios da família, expande o empreendimento e transforma uma pequena loja de produtos rurais na marca Alô Country. Com a morte de Branca, Alaor decide aproveitar a vida e passa o comando do grupo

para o filho Alaorzinho (Daniel de Oliveira), que lança a Alô Balada, empresa voltada para eventos musicais e festas. Casado com Zilá (Leandra Leal), o empresário nunca superou a separação de Janete, ocorrida no passado. Conservador, ele não suportava o estilo livre e a vida artística da antiga paixão. Tudo irá se conectar ao longo dos capítulos. **E**

“Coração Acelerado” fala da jornada feminina no universo sertanejo e faz homenagem a Marília Mendonça na abertura



Filmes e séries

Um clássico e a volta de Westeros

O remake de "O Beijo da Mulher Aranha", com Jennifer Lopez, chega aos cinemas. No streaming, estreia série derivada de "Game of Thrones".

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"O Beijo da Mulher Aranha"

Ambientado em uma prisão argentina durante a ditadura militar, o filme narra a amizade entre Molina (Tonatiuh), um cabeleireiro gay, e Valentin (Diego Luna), um revolucionário. Para escapar da realidade do cárcere, Molina recria cenas de filmes estrelados por sua diva (Jennifer Lopez), em uma teia de fantasia.

"Ato Noturno"

Um jovem ator e um político em ascensão vivem um romance secreto, descobrindo um fetiche por sexo em lugares públicos. À medida que ambos se aproximam da fama que desejam, o vício no risco ameaça destruir suas carreiras.

"Extermínio: Templos dos Ossos"

Expandindo o universo da franquia de terror – sobre um apocalipse zumbi no Reino Unido –, dr. Kelson (Ralph Fiennes) se envolve em uma relação com consequências globais devastadoras. A desumanidade e a crueldade dos sobreviventes revelam-se uma ameaça ainda mais aterrorizante.

"Davi: Nasce um Rei"

Nesta animação, inspirada na Bíblia, o jovem pastor Davi, armado com sua fé e uma funda, decide enfrentar o gigante Golias. Essa jornada de coragem desperta o espírito de uma nação, mostrando que a verdadeira força vem da confiança.

Destaques do streaming

"JK"

A minissérie, de 2006, acompanha a vida de Juscelino Kubitschek da infância até a vida adulta. A trama, que entra na grade no dia 19, mostra como o futuro presidente (Wagner Moura e José Wilker) entra na vida política, a partir de Minas Gerais.

GloboPlay

"O Cavaleiro dos Sete Reinos"

Com estreia no dia 19, a série adapta mais uma obra de George R.R. Martin. A história se passa em Westeros cerca de 100 anos antes de "Game of Thrones" e 70 anos após "A Casa do Dragão". Entre os personagens estão Dunk, um cavaleiro de origem humilde, e Egg, o príncipe Aegon Targaryen.

HBO Max

"O Último Azul"

Dirigido por Gabriel Mascaro, o filme é ambientado em uma Amazônia distópica, em que idosos são obrigados a viver em para colônias. Tereza (Denise Weinberg) resiste a isso com ajuda do barqueiro Cadu (Rodrigo Santoro). Estreia dia 20.

Netflix

"O Roubo - Temporada 1"

Com lançamento dia 21, a série acompanha uma equipe que planeja um assalto complexo envolvendo tecnologia e traições. O suspense traz reviravoltas entre criminosos e autoridades. Com Sophie Turner.

Prime Video

Mestre das novelas

Autor de títulos como “Por Amor” e “Laços de Família”, Manoel Carlos morre aos 92 anos. O dramaturgo criou obras que repercutiram nacionalmente e provocaram debates na sociedade

Autor de novelas reconhecido nacionalmente entre os fãs do gênero, Manoel Carlos morreu no sábado, 10, aos 92 anos, após dias de internação no hospital Copa Star, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Chamado de Maneco, ele se tratava, desde 2019, das consequências da doença de Parkinson. A morte foi comunicada pela produtora Boa Palavra, que administra seus direitos autorais e hoje é gerida pela atriz Júlia Almeida, filha do dramaturgo. A causa não foi divulgada.

Criador de títulos marcantes como “Por Amor”, “Laços de Família” e “Mulheres Apaixonadas”, o autor levou para a TV temas que repercutiram pelo país. Maneco também ficou conhecido por dar foco a mulheres em suas obra e por estabelecer personagens de nome Helena em suas histórias.

Nascido em 1933 em São Paulo, Manoel Carlos construiu no Rio de Janeiro as bases do universo que o consagraria. Morador do Leblon por mais de cinco décadas, transformou o bairro em cenário comum de suas tramas e na vitrine da classe média carioca. Foi ali que nasceram suas protagonistas mais emblemáticas. As Helenas ganharam fama desde “De Baila Comigo” (1982) até “Em Família” (2014). Seu primeiro folhetim com a personagem, por sinal, foi uma adaptação do romance “Helena” de Machado de Assis, exibida na TV Paulista em 1952, em dez episódios.

Pioneiro da televisão brasileira, iniciou a carreira nos anos 1950 como ator do Grande Teatro Tupi, na extinta TV Tupi, ao lado de Fernanda Montenegro, Nathália Timberg, Sérgio Britto, Fernando Torres e Flávio Rangel. Adaptava peças teatrais para a TV, os



DIVULGAÇÃO/JOÃO MIGUEL JÚNIOR

Maneco, como o dramaturgo era conhecido, tornou uma de suas marcas a criação de protagonistas com o nome de Helena. Sua última novela foi “Em Família”

teleteatros, experiência que moldou seu olhar literário sobre dramaturgia. Em 1972, ingressou na TV Globo como diretor-geral do “Fantástico”. Sua estreia como novelista na emissora veio em 1978 com “Maria Maria”, seguida de “A Sucessora”, adaptação do romance homônimo de Carolina Nabuco.

A partir dos anos 1990, Manoel Carlos atingiu o auge. De “Por Amor” a “Em Família”, construiu sucessos que combinaram alta audiência e forte impacto social. “Laços de Família” (2000) exemplifica essa interseção: a cena em que Camila, vivida por Carolina Dieckmann, raspa a cabeça ao descobrir um câncer mobilizou o país e provocou um salto histórico no Registro de Doadores Voluntários de Medula Óssea. As inscrições mensais, antes próximas

de 20, subiram para cerca de 900, um aumento superior a 4.000%. O fenômeno ficou conhecido como “Efeito Camila”.

Em 2003, “Mulheres Apaixonadas” ampliou debates públicos e influenciou agendas legislativas. A onda de denúncias de violência contra idosos, um problema que teve visibilidade pelas cenas de maus-tratos da personagem Dóris (Regiane Alves) aos avós, ajudou a impulsionar a aprovação do Estatuto do Idoso naquele mesmo ano.

A violência doméstica também foi retratada na novela. A história de Raquel (Helena Ranaldi) contribuiu para manter o tema em evidência durante a formulação da Lei Maria da Penha, promulgada em 2006. O título também alimentou discussões sobre segurança pública, em especial após o personagem Téo, interpretado por Tony Ramos, ser atingido por balas perdidas no trânsito, o que trouxe de volta ao centro do debate o Estatuto do Desarmamento.

Maneco foi casado com a jornalista e ex-deputada estadual Cidinha Campos, com quem teve a filha Maria Carolina. Desde 1981, estava casado com Elisabety Gonçalves de Almeida. O autor também enfrentou perdas profundas, com o falecimento de três filhos: Ricardo, morto em 1987 em decorrência da Aids; Manoel Carlos Júnior, vítima de ataque cardíaco em 2012; e Pedro, morto de mal súbito em 2014.

Na despedida ao autor, a produtora escreveu: “Nos despedimos de Manoel Carlos neste plano. Um homem que atravessou gerações com sensibilidade, inteligência e uma escuta profunda do humano. O que ele construiu é maior do que o tempo.” **E**

Comoção por jovem influenciadora

Isabel Veloso emocionou brasileiros ao expor um câncer raro e narrar sua batalha contra a doença; ela morreu aos 19 anos



Isabel contava nas redes seu tratamento e seu cotidiano

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

A influenciadora Isabel Veloso morreu no sábado, 10, aos 19 anos, em Curitiba, após uma longa batalha contra um Linfoma de Hodgkin, câncer raro diagnosticado quando ela tinha 15 anos. Isabel relatava nas redes seu tratamento, o que fez de sua história um fenômeno de comoção pública. Ela estava internada no hospital Erasto Gaertner, desde 27 de novembro, quando apresentou crise respiratória.

Após exames apontarem excesso de magnésio e baixa saturação, foi levada para a UTI e intubada. Chegou a receber alta no início de dezembro, mas teve uma piora e retornou à unidade em estado grave.

Em dezembro de 2023, Isabela passou por um transplante de medula óssea. Os médicos consideraram que ela havia sido curada, mas o linfoma voltou de forma agressiva.

Em janeiro de 2024, recebeu o aviso de que a doença era incurável e decidiu interromper o tratamento. Naquele ano, em abril, a jovem se casou com o empresário Lucas Borbas, o que dividiu opiniões na internet. Também gerou polêmica ao falar do desejo de ser mãe. Em agosto de 2024, anunciou a gravidez de Arthur. O filho nasceu em dezembro. A partir daí, iniciou nova etapa no combate ao câncer.

Em outubro de 2025, Isabel recebeu um segundo transplante de medula. Seu pai foi o doador. Reagiu bem nos primeiros dias, mas o quadro voltou a se agravar, culminando na internação final. Sua morte encerra uma trajetória pública marcada pela coragem no enfrentamento da doença e na exposição desse tipo de câncer e por debates sobre saúde, maternidade e empatia nas redes sociais. **E**

Do teatro à TV, uma estrela do RN

A atriz Titina Medeiros, que atuou em “Cheias de Charme” e “Rancho Fundo”, morreu aos 48 anos, vítima de câncer

A atriz Titina Medeiros morreu no domingo, 11, aos 48 anos. Ela tratava um câncer no pâncreas havia cerca de seis meses. Nascida em Currais Novos (RN), Titina ganhou projeção ao viver Socorro em “Cheias de Charme” (2012), da Globo. Ela era assistente da vilã Chayenne (Cláudia Abreu). Outra novela em que atuou foi “Rancho Fundo”.

Titina iniciou a carreira no teatro em 1992. Após o êxito em “Cheias de Charme”, ela voltou à TV em “Geração Brasil” (2014), participou de “A Lei do Amor” (2016) e integrou o elenco de “Onde Nascem os Fortes” (2018). Atuou ainda na comédia “Os Roni” (2019–2021), do Multishow, na série “Chão de Estrelas” (2021), do Canal Brasil, e em produções recentes como “Amor Perfeito” (2023). Também fez parte da série “Cangaço Novo”, do Prime Video, que se tornou um fenômeno do streaming.

Paralelamente, Titina manteve forte ligação com o teatro potiguar. Fez parte dos grupos Casa de Zoé e Candeia — neste também como diretora — e integrou o coletivo Clowns de Shakespeare. Participou de montagens premiadas, como “Sua Incelença, Ricardo III”.

Formada em Jornalismo pela UFRN, Titina era casada havia quase 20 anos com o ator César Ferrario, com quem contracenou em “Cheias de Charme”. Em homenagem, ele escreveu: “Titina deixa um legado imenso. Seu talento atravessou o teatro, a televisão e o cinema, marcou personagens, emocionou plateias e construiu uma trajetória feita de entrega, verdade e amor pelo que fazia. Cada trabalho, cada personagem, cada encontro, foi uma extensão da sua alma”. **E**



Titina viveu Socorro na novela “Cheias de Charme”, da TV Globo

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Lei Rouanet e, mais uma vez, Trump

Os leitores de IstoÉ reagiram a dados revelados pela FGV a respeito do retorno gerado pela Lei Rouanet. O tema desperta debates acalorados entre os brasileiros. E Trump voltou a agitar as redes.

Cada R\$ 1 investido via Lei Rouanet gera retorno de R\$ 7,59

Uma pesquisa realizada pela FGV em parceria com o Ministério da Cultura revela eficiência recorde do mecanismo em 2024. Naquele ano, a captação atingiu a marca histórica de R\$ 3 bilhões.

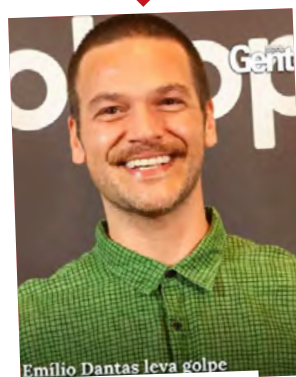


Cada R\$ 1 investido via Lei Rouanet gera retorno de R\$ 7,59 para a economia, diz FGV

195 mil 10,6 mil

Golpe: azeite no lugar de videogame

O ator Emílio Dantas, de 43 anos, usou as redes na sexta-feira, 9, para relatar um golpe que levou de uma loja que integra o sistema de compras online da Amazon Brasil. Ele pagou por um videogame PlayStation 5, mas recebeu um garrafão de azeite no lugar. De acordo com depoimento do artista no Instagram, ele comprou o dispositivo durante uma promoção da loja. Emílio disse que entrou em contato com a empresa assim que percebeu o problema na encomenda.



Emílio Dantas leva golpe

106 mil 1 mil

Ana Castela cancela show por saúde

A produção da cantora Ana Castela anunciou o cancelamento de um show em São Sebastião, litoral paulista, por um problema de saúde. Ele estava marcado para o sábado, 10. A equipe alegou que "a decisão foi tomada visando a recuperação e o bem-estar da artista". O time informou que os ingressos seguiam válidos e que o show foi remarcado para o dia seguinte. Parte dos fãs reclamou, afirmando que, três horas antes, a cantora publicou foto em uma academia.



Show de Ana Castela no litoral de SP é cancelado 'por motivos de saúde'

105 mil 404

Nobel, María Corina Machado e repasse de prêmio

O Instituto Nobel esclareceu que o Nobel não pode ser transferido ou compartilhado. O anúncio ocorreu após declarações da líder da oposição María Corina Machado, que sugeriu que poderia entregar seu prêmio a Trump. O presidente dos EUA disse que ficaria honrado com a oferta. Mas a academia sueca tratou de avisar que não existe essa possibilidade.



Nobel rebate María Corina Machado após fala sobre dar prêmio a Trump

71,6 mil 858



Trump cria instabilidade global e retoma tentativa de divisão do poder com China e Rússia

93,4 mil 776 mil

Trump cria instabilidade global

Em 2017, em seu primeiro mandato, Donald Trump defendeu uma operação militar na Turquia para derrubar o ditador Nicolás Maduro. Nos últimos dias, emissários de Trump fizeram exigências ao governo da Venezuela. Entre as determinações estão o fornecimento exclusivo de petróleo para os EUA, controle sobre os valores arrecadados com a venda do combustível, além da proibição da exportação do bem para Rússia, Irã e, principalmente, China.

Palavra por palavra



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Eu estou quase pronta. Já tirei passaporte e não fumo mais. Agora eu posso viajar"

Tânia Maria, atriz de 79 anos, em quadro do programa "Caldeirão com Mion" ao comentar sobre sua participação em "O Agente Secreto" e dizer que agora pode viajar a Los Angeles para acompanhar os próximos compromissos do longa



KEVIN LAMARQUE/REUTERS

"O serviço público às vezes exige firmeza diante de ameaças"

Jerome Powell, presidente do Federal Reserve (Fed), sobre ter se tornado alvo de uma investigação do Departamento de Justiça (DOJ), em meio a uma disputa com o presidente dos EUA, Donald Trump

"A guerra voltou a estar na moda e um fervor bélico se alastra. Hoje não se procura a paz como um dom de Deus, mas através das armas, como condição para afirmar o próprio domínio"

Papa Leão XIV, em discurso feito a embaixadores na Santa Sé



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Essas pessoas estão moldando o desejo e a forma de ver o mundo, especialmente de gente com menos de 30 anos. Ao voltarem para casa, esses criadores estavam muito mais dispostos a combater a desinformação e engajar com campanhas de causas sociais. Porque agora eles sabem o valor daquele lugar. A Amazônia não era mais uma conversa distante. É um centro regulador do clima do qual a gente precisa cuidar"

Kamila Camilo, fundadora do Instituto Oyá, sobre o programa Cria Raiz, que leva grandes criadores de conteúdo para imersões em territórios como a Amazônia e o sertão nordestino

"Este prêmio vai para as pessoas que tiveram portas fechadas para elas. Posso dizer com confiança que a rejeição é um redirecionamento. Nunca é tarde demais para brilhar como você nasceu para brilhar"

EJAE, cantora sul-coreana integrante do grupo por trás do sucesso do filme "Guerreiras do K-Pop". Com "Golden", a animação venceu o prêmio de Melhor Canção Original do Globo de Ouro e ela contou que trabalhou dez anos para se destacar no k-pop mas que foi rejeitada por não ser "boa o suficiente"



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

